

Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

DA ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBÔA

POEMAS
SEM
VERSOS



LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO

— FREITAS BASTOS, S. CLER & Cia. —

Rua: Balthazar da Silva, 15, 17 e 19
e 13 de Maio, 74 e 76 — Rio de Janeiro

1924

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

DA ACADEMIA BRAZILEIRA

DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBÕA

POEMAS
SEM
VERSOS



LIVRARIA EDITORA LEITE RIBEIRO
FREITAS BASTOS, SPICER & CIA.
Ruas: Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19
e 13 de Maio, 74 e 76 — RIO DE JANEIRO

1924

OBRAS DO MESMO AUCTOR

- Canções da Decadencia — Poesias (1883-1887).
- Peccados. — Poesias (1887-1888).
- O remorso. Poemeto — (1889).
- Poesias — (1893-1901).
- Fim — Poesias — (1922).
- Um homem pratico — Contos.
- Mãe tapuia — Contos.
- Contos escolhidos.
- O escandalo — Drama.
- Theatro meu... dos outros.
- Em voz alta. — Conferencias.
- O silencio é de ouro... — Conferencias.
- O Brasil guerra européa. — Conferencia.
- O regimen presidencial no Brasil.
- Pontos de vista. — Ensaios.
- Graves futeis. — Ensaios.
- Marta. — Romnace.
- O mysterio — Romance, em collaboração com Afranio Peixoto, Coelho Peixoto, Coelho Netto e Viriato Correia.
- Litteratura alheia.
- Paginas de critica.
- A obra de Julio Dantas. — (Precedido de um discurso de Afranio Peixoto e seguido de outro, de Julio Dantas).
- Sur un cas de synopsis présenté par des millions de sujets (Tiragem á parte do Journal de Psychologie Normale et Pathologique).
- O hypnotismo. — 2ª edição — 6º milheiro. Com prefacios dos Drs. Miguel Couto e Juliano Moreira.
- Tésts. — (Introdução ao estudo dos meios scientificos de medir a intelligencia instrucção dos alumnos).

A apparecer... opportunamente

- Quando eu era vivo... (Memorias posthumas. — 1867-19...)
-

SAUDAÇÃO A BANDEIRA

Bandeira da minha terra, trapo verde, trapo dourado, pedaço de ceu carregado de estrellas, — bemdita sejas tu!

Bemdita sejas tu na paz ou na guerra.

Na paz, onde quer que tremules, na aldeia ou na cidade, na usina, na escola ou no quartel; em terra firme, nos mastros que te arvoram, orgulhosos, ou sobre o mar sem fim, nos navios em que te desfraldas.

Na aldeia, quando as festas dos humildes te levam entre andôres de santos, entre musicas rusticas, bemdita sejas tu, que lhes acompanhas as alegrias simples.

Na cidade, quando passam os grandes cortejos e tu palpitas diante das casas cheias de gente, engalanadas e festivas, bemdita sejas tu, que lhes lembras toda a vastidão da patria.

E si o que vai pelas ruas é a cadencia alegre dos batalhões, cujo passo tem o rythmo

dos corações tranquilos e confiantes, que batem cheios de esperança no futuro, —bemdita sejas tu, que, esvoaçando sobre elles, nos dás a certeza de que velam por nós os que tomaram a si o encargo de nos defender.

Quando, na escola em festa, no alvoreçado chilrear das crianças, chega o dia em que se galardoam com premios os mais laboriosos, tu ahi estás tambem nos pequenos escudos, que enfeitam as salas de aulas e tu lhes dizes que é preciso se façam dignos de te servir e de te engrandecer

Bemdita sejas tu, quando te ergues na entrada da usina, onde as mãos callosas dos operarios fazem a prosperidade da patria.

Bemdita sejas tu, onde quer que na paz lembres uma alegria ou uma tristeza dos filhos da mesma terra.

Na guerra, quando é preciso lutar pela defeza da patria, quando é preciso affrontar serenamente a morte, bemdito sejas tu, trapo verde que dás a esperança de victoria, trapo dourado cuja côr é como o reflexo do sol em uma apotheose de gloria, trapo cheio de estrellas que por onde quer que sigas deixas um rasto luminoso.

Bem dita, quando nos navios bates ao vento e passeias sobre outros mares e sob outros ceus, para lhes dizer que não ha céus nem ha mares que mereçam ser mais amados que os da patria que tu symbolisas.

E tão bem dita quando cobres a sepultura do grande patriota, que soube honrar o nome do seu paiz e cuja evocação é a evocação dos altos ideaes que elle serviu, — como, no mar, quando se joga ás ondas, cosido em um sacco, o obscuro marinheiro que não pode ser transportado para terra e ouve-se um tiro rouco de canhão, emquanto tu desces lentamente e ficas no mastro, a meio-páu, sacudida pelo vento, como um lenço que dissesse ao morto o derradeiro adeus.

Tão bem dita quando te notam pela primeira vez os olhos de uma criança, para quem tu és apenas uma mancha verde e amarella, que se agita no ar — como bem dita quando o guerreiro que caiu, esvaindo-se em sangue, a custo te divisa com os olhos que se vão vidrando.

Bem dita sejas tu que evocas todos os que nasceram, todos os que viveram e vivem ainda, todos os que morreram no solo da mi-

nha patria. Bemdita, porque lembras dessa patria o humilde e o poderoso, o sabio e o ignorante, o que lavra a terra e o que labuta na fabrica, o que aprende e o que ensina nas escolas, como o que se apresta a seguir para a guerra, si a guerra fôr necessaria. Bemdita, porque lembras as mulheres da minha terra, as que foram mães e as que não chegaram a ser, as que foram amadas e as que foram desprezadas, as que viçaram em sua belleza ou que se fanaram em sua fealdade, mas todas ellas, sob o teu fremito verde e amarello, minhas irmãs no mesmo amor por ti.

Na paz ou na guerra, na vida ou na morte, na terra ou nos mares da patria como em mares e terras distantes, em toda parte, a todos os momentos, hoje e sempre — bemdita sejas tu, trapo verde, trapo dourado, pedaço de céu carregado de estrellas, — bemdita sejas tu, bandeira de minha terra!



O RATINHO TIC TAC

Na insomnia daquella noite, eu ouvia distinctamente o ruido do relógio que havia no meu salão de estudo.

Tic-Tac. Tic-Tac.

E só então eu tive consciencia que aquelle rumor era o dos dentes de um ratinho que ia pouco a pouco roendo minha vida. D'antes, quando essa vida era um largo circulo radioso, cuja periphéria ficava muito distante do centro em que eu me achava, eu não ouvia o barulho do pequeno roedor. Mas pouco a pouco, obstinado e tenaz, sem se deter nem se apressar, o ratinho Tic-Tac tinha ido roendo minha infancia, minha adolescencia, meu pleno vigor de homem feito, as folhas amarellas do meu outomno e era já agora o pouco que me restava de velhice, o que elle continuava a ir roendo.

Tic-Tac. . Tic-Tac.

E eu o figurava com as pequenas mandíbulas infatigáveis, poindo, desgastando, roendo, roendo, roendo, infatigável e methodico.

A luz — era a luz de uma vela — apagou-se. A noite estava fria. Enrolado em um amplo chale, na longa espreguiçadeira em que me deitara, senti preguiça de me mover. Soaram horas. Quantas? Lembro-me que ouvi as dez, as onze, a meia-noite. Sorri então, pensando que chamavam a meia-noite a “hora fatidica”. O ratinho Tic-Tac continuava a sua faina, sem que por isso elle augmentasse ou diminuisse a velocidade do trabalho. Roia meias-noites com a mesma serenidade com que roia quaesquer outras horas. O seu fim era um só: elle sabia que eu estava no centro do circulo e tinha de chegar até mim, para me dizer um dia: “Acabou-se! Morre!”

Ouvi dar uma hora, duas horas.

Tic-Tac. Tic-Tac.

Em certa occasião, naquella treva espessa, naquelle frio glacial, naquelle abandono

completo, eu ouvi ou julguei ouvir que o ratinho Tic-Tac me fallava, sem que por isso, entretanto, parasse o seu trabalho:

“Como tu estás velho!

Lembras-te o moço, que foste? Lembras-os sonhos, os desejos, as aspirações que tinhas?

Tantas mulheres amaste, tantas tiveste nos teus braços! Umias morreram, outras são velhas como tu e as que são ainda fortes e moças riem de ti, si te vêm.

Tantas! Hoje, quando alguma passa perto de ti, não ha nenhuma em cujo rasto não faças surgir toda uma larga fila de recordações. E tu buscas um consolador engano em evocal-as, esquecendo que assim vives entre espectros, entre os fantasmas da tua mocidade, do teu passado.

Quando alguma te nota e vê nos teus olhos uma chamma de desejo, tem um gesto de enfado ou de nôjo, uma palavra de desdem ou de sarcasmo.

Velho! És tu que prégas aos moços a prudencia, a moderação, as virtudes calmas?

Desce ao fundo de ti mesmo e verás que tudo isso não passa de hypocrisia e de inve-

ja. Dize aos que podem que se encharquem de prazer, que se embebedem de amor! Dize-lhes que vivam ardentemente, intensamente! A virtude é uma palavra que só enche a bôca dos que não podem gozar o vicio; é a prédica dos impotentes; é a prédica dos invejosos!

*

* *

Teu rosto está cheio de rugas: rugas em torno d'os olhos, em torno da bôca, ao longo das faces. Breve, no seu engelamento cruzado de linhas e sulcos, elle será como a planta de uma cidade — de uma velha cidade abandonada. Pelas rugas que te cercam os olhos, andarão as saudades das mulheres formosas que tu viste, as saudades dos ceus e das terras em que amaste, em que gozaste. Pelas rugas que te cercam a bôca, andarão as saudades dos beijos que deste, quando tantos labios formosos os acceitavam, sôffregos, e pediam-te mais e mais; a saudade dos beijos de que vestiste tantos corpos divinos. Pelas rugas das faces andarão as saudades do tempo em que as unias a outras faces moças e formosas.

E tudo isso passou. Breve, no seu engelhamento cruzado de linhas e sulcos, teu rosto será como a planta de uma cidade abandonada, por cujas ruas só cruzarão as saudades, como viúvas desoladas, cobertas de longos crepes.

*

* *

Vai longe o tempo em que tua vida era um circulo de fogueiras no centro do qual tu estavas. Fogueiras do desejo, fogueiras da ambição, fogueiras divinas da paixão e do gozo. A Morte, a féra sinistra, rondava á noite de longe, sem ousar approximar-se.

Hoje, as fogueiras estão a apagar-se. Ha apenas umas ultimas brazas que ainda crepitam, rubras. Mas já não se erguem, triumphantes, as labaredas altas de outr'ora. E a féra se aproxima. Tu lhe vês á noite os olhos phosphorescentes, os dentes afiados, as garras recurvas.

Velho, ella vae transpor o circulo cujas brazas estão a extinguir-se. E' em vão que te quererias esconder: os ultimos carvões vão apagar-se. E a Morte, a féra,

que nunca erra o seu bote fatal, saltará sobre ti, tomará entre as fauces hiantes a tua pobre vida.

*
* *

Tu já foste como um pastor, um pastor moço e alegre, guiando um rebanho innumerable de ovelhas brancas.

Era manhã. Tu partiste, cantando, e as ovelhas te acompanhavam. Os guizos dellas punham na alegria do sol nascente uma alegria a mais. Era o rebanho numeroso de tuas illusões.

E subiste encostas de montes e desceste por valles umbrosos, sempre cercado de tuas ovelhas.

Mas, aos poucos, muitas morreram, muitas desgarraram. Eram tantas, tantas. Hoje só ha uma ou duas que vão cansadas, em torno de ti — de ti, que ainda estás mais cansado do que ellas.

Cai a noite. Mal as distingues. Os guizos alegres já não chocalham. Nem mais pareces um pastor: és como um mendigo per-

dido por invios caminhos e a quem acompanham dois ou tres cães lazarentos.

*

* *

Do alto de um monte tu viste, um dia, um trem que surgia no valle, lá em baixo. Era uma cobra immensa. Movia-se a uma formidavel velocidade, sobre os trilhos que pareciam ao sol duas fitas estreitas de prata.

Os carros estavam cheios de passageiros alegres, que se debruçavam ás janellas, cantando e rindo. O pennacho de fumo da machina subia para o ar alegremente, como um lenço de viajante que partia feliz e que dizia adeus aos que ficavam.

O trem era como a tua vida, vivida vertiginosamente, cheia de passageiros alegres: aquellas a quem tu amaste, aquelles a quem tu quizeste bem, os sonhos que pretendias realizar e que todos fracassaram lamentavelmente.

Agora, cai a noite, mal se vê o trem, que continua, entretanto, a sua marcha. Mas já não ha ás janellas dos carros nenhum pas-

sageiro. O céu está escuro, o valle está escuro. Mal se distingue ao longe, hiante, a bôca escancarada de um tunnel. E o trem que nella vae entrar, ninguem mais o verá.

O tunnel. Pergunta á Morte o que elle é. ”

E como o ratinho não mais fallasse, eu lhe ouvia as mandibulas infatigaveis, no seu infatigavel Tic-tac, cada vez mais perto de mim.

Tic-tac. Tic-tac.



O BOM TEMPO DE AMAR

Madame de La Sablière viveu no século XVII. Foi uma mulher formosa, instruída e encantadora. Sabia o latim, sabia as altas mathematicas, sabia a astronomia. Melhor do que tudo isso: sabia amar e fazer-se amar

La Fontaine dedicou-lhe algumas de suas melhores fabulas. O seu salão era celebre pela graça com que a sua dona acolhia a todos que o frequentavam.

Um dia, certo parente velho de Madame de la Sablière, irritado com os costumes da epoca, que a seu ver eram muito immoraes, queixou-se de que só se ouvia fallar em amantes e amores, e, numa exclamação impaciente, teve um argumento que lhe parecia decisivo:

— Os animaes ao menos tem só uma epoca para isso!

Madame de la Sablière, sorriu, levantando os cantinhos da sua pequenina boca, e respondeu:

— E' exactamente por isso que elles são animaes!

*
* *

Si a posteridade fosse justa, incluiria sempre Madame de la Sablière na lista dos maiores philosophos.

E', de facto, sabido que, ha muito, numerosos pensadores têm procurado achar uma linha divisoria nitida entre os outros animaes e o homem. A formosa amiga de La Fontaine achou-a facilmente:

— O homem é o unico animal para o qual todo tempo é tempo de amar

*
* *

Foi em Paris, em uma noite de Outubro de 1667. que ella disse aquella memoravel phrase.

Outubro. Outomno. E o outomno é para o amor uma excellente estação. Todos os poetas que a tem cantado não deixam de falar na queda das folhas, não deixam de comparar essa queda á das illusões.

Outomno, estação crepuscular. Passou o dia; mas a noite ainda não chegou. E' um suave meio-termo entre o verão, que se apagou, mas de que resta um frouxo reflexo,— e o inverno, que ainda não veio, mas de que já se sentem os primeiros frios.

Como, nessa estação de meiguice, o amor é delicioso! Os gestos entram no rythmo geral da natureza: fazem-se lentos e sobrios. Ha, por toda parte, uma doçura moribunda...

O que está para vir parece ser o fim, parece ser o apagamento de tudo e, por isso mesmo, a vida ganha um valor enorme, porque só o que é fadado a acabar merece algum apreço. Ha, nos beijos que então se trocam, uma volupia talvez um pouco perversa, um pouco doentia: cada amante tem a sensação de estar beijando alguém, cuja vida se vai esvaindo. E' voluptuosamente mórbido.

Acalmou-se a exaltação ferosa do verão ardente. E afóra a boca — porque o beijo na bôca é todo o amor — não se beijam senão mãos; não se beijam, quando muito, senão braços. Mais — pareceria indiscreto. Nem se pensa nisso. O amor toma uma unção religiosa. A amante que, em outros tempos, tivemos nos braços, convulsa de gôso, rugindo quasi de prazer, parece agora uma freira mystica — e ha, em possuil-a, um sabor gostoso de sacrilegio.

Como o outomno é bom para se amar!

*

* *

E vem apoz o inverno.

E o inverno traz outra nota. Nas casas em que o conforto accende as lareiras brilhantes ou os aparelhos caros, que regulam o calor á vontade, o amor é uma delicia a mais pelo contraste com tudo que vai lá por fóra.

Lá por fóra é o frio aspero que faz doer as mãos; que mata os pobresinhos:

“Voici venir l’hiver, tueur des pauvres gens.”

Dentro dos aposentos tepidamente calentados, a lareira é uma alegria; o calor que vem de aparelhos engenhosos dá uma sensação profunda de bem estar

Mas o bom amor de inverno é o amor das noites frias, nos quartos frios, quando cada um se estreita ao outro para aquecê-lo suavemente. Os corpos se prendem, num frenezimudo, evitando os gestos que fazem o ar gelado engolfar-se por baixo das cobertas.

O amor é então um desafio á natureza. Dir-se-ia que esta quereria apagar a chama de que o amor é feito; mas elle triumphava de tudo. E da cabeça aos pés, desde as bôcas que não se descolam até os corpos que se enlaçam voluptuosamente, é um deleite estar sentindo as duas epidermes de que ninguém sabe onde uma acaba e a outra começa. E si, ás vezes, o arrepio do gôso, agitando um pouco mais as cõlchas e os lenções finos, traz tambem um arrepio de frio — o frio é então um estimulo picante, que augmenta o prazer

Não ha, na escuridão gostosa, no acõchego apertado dos corpos, a visão destes. Mas o que os olhos não vêem o tacto sente.

As mãos correm de leve, macias e acariciantes, o avelludado das epidermes.

Um cynico romano disse que no escuro todas as mulheres são iguaes. Bruto! É precisamente no escuro — no escuro tanto pelo menos como no claro, mas de todos os modos — que cada uma é mais differente das outras.

Porque não existem duas mulheres iguaes! Pois si a natureza não fez dez pôlpas de dedos mathematicamente identicas a dez outras pôlpas de dedos, por que iria repetir-se em dous corpos femininos?

Como esse romano era bestial!

Os especialistas em certas analyses finas de tecidos, quando os apalpam, fecham os olhos para sentir melhor, sem que a vista perturbe o tacto, a maciez ou a aspereza do que estão examinando.

No inverno, na escuridão frigida das noites em que não se vê nada, é um deleite quando o amante corre a mão pelo corpo da amante e lhe nota as curvas, as linhas da sua esculptura inconfundivel, a granulação da pelle que, em cada parte do corpo e em cada corpo diverso, aqui e alli, é differente da de

todas as outras partes, da de todos os outros corpos. Cada um destes tem a sua formula, a sua combinação original de suavidades e asperezas.

E parece que no escuro os dedos se mudam em olhos e nos transmitem o extasís das suas sensações, que nós distinguimos nitidamente.

Não se falla. Geme-se! Mas esse gemido é um arrulhar inarticulado que vale pela melhor das musicas.

Como o inverno é bom! Como elle é proprio para o amor!

*

* *

E não o é menos a primavera.

Resurge-se para a vida intensa. Primavera, estação convalescente. Tem-se a sensação de ter escapado á morte e voltar para a vida. Sente-se ainda mais o valor desta, exactamente porque estivemos quasi a perdela. As arvores se cobrem de folhas; as flôres reapparecem; a gramma dos canteiros reverdece. E' como si o mundo acabasse de ser creado.

Uma alegria de resurreição, moça e forte, vibra na natureza, vibra dentro em nós, parece vibrar pelos astros.

Estrellas, em que nunca ninguém attentara, brilham mais fortemente nas noites de primavera.

O amor é então uma sêde intensa de prazêres. Os corpos velhos rejuvenescem. Os corpos moços tem mocidade de mais para repartir com os que os cercam.

Cada bôca de mulher parece levar, pousado nos labios, quasi a abrir vôo, um beijo que se offerece para ser colhido. E os beijos cantam alto, gorgem, pedem-se e dão-se atrevidamente. Ha uma exuberancia alegre de gestos.

Quando as mulheres passam por nós, vem de toda a epiderme, da nuca aos pés, um grito ardente: "Vê como nós somos bellas! Ama-nos!" Ha um donaire novo, onduloso e serpentino, em cada corpo moço. Os seios apontam provocadoramente, balançam-se de leve, tambem elles a proclamar que não ha fructos mais gostosos. E adivinha-se a forma e o tom da corôa, côr de rosa ou côr de ambar, que os bicos põem, ou na lactescen-

cia dos que são alvissimos, ou no tom quente dos que são morenos.

Que delicia seria poder, como os tecidos finos que os cobrem, no ir e vir de cada passo, roçar docemente sobre esses biquinhos delicados.

Nenhuma mulher passa por nós sem que a nossa imaginação a dispa, para lhe beijar, ao menos em desejo, tudo o que nella ha de bello.

O inverno — quem pensa mais nelle? — foi como uma ameaça de morte. Os que escaparam sentem, no mundo que resuscita, a necessidade de amar mais, de amar muito, porque o perigo de que se sahũu póde voltar

Como a primavera é feita para o amor!

*
* *

E para o amor, como o verão é tambem feito!

Verão — meio-dia do anno. Já não se tem mais necessidade de reagir contra a lembrança longinqua da estação fria e morta.

Ha por toda parte uma plenitude de luz e vida, uma sensação calma de exuberancia, de fartura.

Os corpos se estendem mollemente, uns ao lado dos outros. Os beijos não têm a morbidez dolente dos beijos do outomno, não têm os gemidos quasi moribundos dos do inverno, não têm os gorgeios altos e cantantes dos da primavera. São repousados e fartos. As bôcas, que se juntam com volupia, luxuriosamente, parecem querer entre-devorar-se com a gula de quem come, esfomeado, um fructo saboroso.

Plena nudez! Os corpos se entregam preguiçosamente — e preguiçosamente ficam, como si não mais quizessem desunir-se.

Verão — meio-dia do anno. Preguiça e volupia. A amante adormece nua, com a cabeça sobre o braço nu do amante. Ha na fronte, na raiz dos cabellos e no valle delicioso entre os seios, um orvalho ligeiro de suor. Os olhos della ninguem sabe si ainda estão cerrados de gôso ou si já estão cerrados de somno.

Verão — meio-dia do anno, como elle é o bom tempo para amar, o bom tempo para ser amado!

*
* * *

E fica-se a pensar na pequenina bôca maliciosa de Madame de la Sablière respondendo ao velho austero, que lhe lembrara que os animaes têm só uma epoca para o amor:

— E' exactamente por isso que elles são animaes.



ORAÇÃO A' AGUA

Eu me sentara junto ao mar Chicoteado por um vento terrivel, elle erguia vagas altissimas, que se elevavam furiosamente e, depois, num longo bramido, deixavam-se cahir na praia, espalhando-se pela areia. Quando as ondas vinham lá longe, pareciam uma fila de guerreiros dispostos a subir ao assalto. Ao assalto de que? Ninguém o poderia dizer Mas vinham, cresciam, elevavam-se — até que, de repente, parecendo não ter attingido o que desejavam, rojavam-se por terra, desesperançadas de tudo, como si quizessem aniquilar-se.

Pensei então nos mares que tenho visto, que tenho cruzado.

Pensei nos “verdes mares bravios de minha terra natal.”

Pensei no Mediterraneo, o grande mar azul, cujas aguas de um anil claro riem ao

sol, banhando as terras de onde nos veio a nossa civilização.

Pensei no Mar Negro, cujas ondas, realmente negras, parecem de um lago betuminoso, um lago de pixe, alguma coisa de sinistro e infernal.

Pensei nas ondas do Bosphoro, cuja ponta, o Corno de Ouro entra por Constantinopla, de que reflecte nas suas aguas, as mesquitas immensas, com os largos e bojudos zimborios, com a floresta esguia dos minaretes. E, á tarde, á hora em que o sol poente faz do ouro que lhe dá o nome esse braço de mar, a velha Bysancio mergulhada nelle lhe empresta um aspecto phantastico: parece que dentro das aguas é que vivem os longos e bojudos zimborios, a floresta esguia dos minaretes.

E lembrei-me da vetustissima Syracusa. O mar, quando ahi estive, era tão meigo e placido, que nem ao menos junto á praia havia sequer uma orla de espuma. A's vezes, a gente via ao longe formar-se uma onda. Era uma ondazinha insignificante. Fazia apenas uma ruga na superficie das aguas e vinha

vindo, vinha vindo tão de vagar, tão preguiçosamente, que morria em caminho, sem que se soubesse nem como nem onde.

*
* *

E lembrei os tempos de paz em que tantas vezes cruzei os mares e deixava-me levar no seu embalo suave, despreoccupadamente.

E lembrei os tempos de guerra, em que, vendo de longe o luzir lustroso de um corpo de cetaceo, tinha um calafrio de susto, pensando em submarinos terriveis.

*
* *

Mar, grande Mar amigo e inimigo, embalador e traiçoeiro, que tens todas as cores e todas as vozes, como tu és vario e formidavel!

Do alto, quem pudesse abranger o caminho sinuoso de todos os rios que vem desembocar em ti, vêl-os-ia como um rebanho que accorre impaciente para o aprisco. Veria os

maiores — o Amazonas, o Mississipi, o Nilo — precipitando-se em uma furia terrivel, arredando tudo no seu caminho, para vir lançar-se impetuosamente em teu seio. Como doidos, que se atirassem atravez de uma multidão, acotovellando, afastando brutalmente os que nella estão — parecem afastar no seu impeto os montes e os valles, as arvores das florestas immensas e o casario denso das cidades, para, num galope que nada detem, seguirem até as fozes em que se confundem contigo. E veria os pequeninos regatos, humildes, insignificantes, deslisando medrosos, — mas vindo como os outros trazer-te a sua homenagem.

Mar, tu acolhes uns e outros com igual carinho: não vale mais para ti a soberba rugidora de uns do que a mansidão cantante dos outros.

*
* *

A agua, que esteve em nuvens, em longes páramos do espaço, traz do espaço immenso para ti alguma cousa de assombro e

mysterio. A agua, que esteve em neves immaculadas no alto de montes e que nelles se dissolveu, chorando, por ter visto que o céu é apenas uma illusão e uma tristeza, dá-te a tristeza dos seus sonhos perdidos. A agua, que atravessou as metropoles immensas, em que ha todas as grandezas e todas as miserias, vem contar-te essas miserias e grandezas.

E o sol cai sobre ti, haure em cada um de seus raios uma gotta, levanta-te ao céu, faz-te em nuvens, deixa-as cahir na terra, vê-as rolar em rios e chegar de novo a ti, num cyclo que nunca se acaba entre o mar, o céu e a terra, — a terra jogando-as ao mar, o mar deixando-as subir ao céu, o céu despejando-as de novo na terra.

E é por isso que a agua tem todas as vozes: a que ruge e a que murmura, a que canta suavemente e a que grita com aspereza; a do amor e a do odio, a da modestia dos regatos mansos, que deslizam meio escondidos e a ambição desvairada dos Amazonas, que ouzam enfrentar o oceano, empurra-lo, tentar vencê-lo.

*

* *

Agua são também os lagos e lagôas, cujo olhar parado se fixa nos céus como a ver si, pela insistencia muda consegue decifrar os hieroglyphos das estrellas. Porque nesses hieroglyphos está talvez escripto o destino dos homens e das cousas.

Quando a lua cai sobre essas superficies, que nem uma onda encrespa, o olhar dellas, vidrado e baço, lembra o dos mortos.

Agua, sangue da terra, sangue das cousas que não tem sangue, sangue do proprio sangue, que sem ti não poderia correr na rêde rubra e azul das nossas arterias e das nossas veias, — como se sente a falta que tu fazes, quando alguem olha, no campo escrutador dos telescopios, a face morta e arida da lua, de que te retiraste. E' um astro cadaver, exangue, um astro espectro.

E a imaginação evoca os outros que giram assim pelos espaços numa farandula sinistra de somnambulos, que, tendo morrido, continuassem, apesar disso, a girar pelos

céus. Nelles já houve, enquanto ahí estavas, seiva e vida. Mas tu te evaporaste e elles morreram.

*
* *

As primeiras palavras da Biblia contam que o espirito de Deus pairava sobre as aguas. Por isso tu és — agua dos mares e dos lagos, agua dos céus e da terra — por isso, tu és divina.

De ti sahiu a Aphrodite dos gregos, deusa do Amor e da Belleza. E de amor e de belleza fallam tuas ondas, que, ora se estendem sussurrantes nas praias alvas, ora se atiram furiosas contra as penedias brancas, como a procurar destruir-lhes a fealdade grosseira.

*
* *

Berço e germen de deuses e de deusas. Agua, quando tu caís sobre os que querem entrar nas religiões novas, és baptismo e redempção. E os que crêem num céu distante derramam-te sobre as cabecinhas louras das

crianças, para lhes dar direito á entrada nesse céu.

*
* *

Boiam sobre ti, mortas, as mortas Ophelias, que não conheceram do mundo sinão os devaneios candidos.

*
* *

Quando as batalhas carniceiras fazem ulular os canhões monstruosos e estes ribombam, tremendos, dias e noites a fio, matando, devastando, semeando odios e rancores, derramando torrentes de sangue — abrem-se as nuvens apoz e a chuva cai. Cai para misturar na terra o sangue dos inimigos, que ella dissolve, e leva, e junta, a preparar as reconciliações futuras.

*
* *

Agua — que és sangue nos animaes, — que és seiva nas plantas; — que és rio e lago

e mar e nuvem; — que te atiras como louca nas cataratas immensas, nos rugidores niagaras e que deslizas de leve, em corregos docemente murmurantes; — agua, que tanto sabes ser oceano immenso como gotta pequeninha de pranto; — agua fecunda e poderosa, que constroes e que destroes, fazendo, desfazendo e refazendo incessantemente a face da Terra, — Agua, quando eu estiver, um dia, dentro da Terra, no leito de que ninguem se levanta, lava-me de tudo que em mim foi baixo e vil, e, desagregado meu corpo, leva-o, molecula por molecula, á seiva das grandes arvores e das pequeninas flores, á placidez quieta das lagoas e á turbulencia formidavel das vagas do oceano; passeia, algum tempo, um pouco de mim no teu gyro incessante, da terra ao mar, do mar ao céu e do céu, de novo, á terra; mas, por fim, um dia, transporta-me aos gelos eternos dos polos, onde eu possa afinal dormir na tua brancura immaculada, unico tumulto em que tudo é candido, em que não ha nada nojento e pôdre.



A ORCHESTRA

Ha sempre, dentro de cada um de nós, toda uma grande e tumultuosa orchestra. Orchestra extranha! Orchestra como nenhuma outra, em que, lado a lado soam, martelando, vibrando, silvando, todos os instrumentos de todos os tempos, mesmo os de povos desapparecidos. Orchestra em que nunca os instrumentos obedecem de todo á batuta do regente e ha dissonancias e cacophonias horriveis, apezar das quaes ás vezes se eleva uma harmonia superior

*

* *

Selvagens, outr'ora, quando tinham de emprehender excursões bellicosas, dansavam, á noite, diante das fogueiras crepitantes, preparando-se desse modo singular para as luctas que iam travar. E essas dansas eram aggressões figuradas contra os das outras

tribus. Havia nellas a mimica feroz da setta que se lançava, da setta que se cravava no inimigo, da setta que o fazia rojar-se por terra, sangrando, estrebuchando de dôr. E os esgares barbaros da danza, diziam o contentamento do vencedor subjugando o vencido, diziam o prazer de tortural-o e matal-o.

Durante todo esse tempo, os trejeitos dos selvagens eram fortemente rythmados pelo ruido monotono do tan-tan.

Hoje as luctas nos tempos normaes não parecem ter essa furia. São polidas e elegantes. Menos se diriam pelejas que meneios de cortezias. Mas tudo isso é apparencia enganosa. Dentro de nós, muitas vezes, nessas occasiões, o tan-tan sôa acompanhando, marteladamente, a danza selvagem. Selvagem, o odio se accende em nossa alma. Sorrisos, que então se entreabrem graciosos, são os mesmos esgares ferozes de outr'ora, apenas disfarçados. E quando sabemos o inimigo aniquilado, é como si no nosso cerebro alguém dansasse, jubiloso, — jubiloso por vê-lo soffrer, jubiloso por vê-lo prostrado, succumbido.

*
* * *

Trompas de caça! O hallali dos que perseguem os animaes, ao galope dos cavallos em furia, não pela necessidade de os matar, mas pelo prazer de lhes assistir á agonia.

Trompas de caça! Os caçadores soltam os cães na perseguição dos animaes e correm atraz dos cervos meigos e timidos, que no desespero da fuga, se atiram, loucos, devorando o espaço.

Trompas de caça, ellas sôam ainda na orchestra que ha dentro dos homens e das mulheres de hoje. E quando algumas destas, divinamente bellas, procuram attrahir os incautos, fingindo ama-los só para depois os ver aniquilados, perdida a dignidade, perdida a honra, perdido tudo o que faz o incentivo da vida, as leves e graciosas palavras com que ellas assistem a esse miseravel fim, são feitas de uma alegria cruel. E as trompas guerreiras cantam dentro dellas o hallali dos caçadores victoriosos.

*

* *

E enquanto esses instrumentos — o tantan e as trompas de caça dos homens de ou-

tros tempos — mostram que o espirito selvagem do odio e o desejo de ver o soffrimento alheio não morreram dentro de nós, — a acompanhar outros sentimentos, alguns delles purissimos e nobilissimos, indisciplinada e incoherente, continua sempre a sôar, no intimo de noss'alma toda uma grande e tumultuosa orchestra.

*

* *

Sôam harpas. A harpa diz o sonho branco da virgindade e da pureza. Braços formosos parecem passar diante das cordas tensas, que mãos delicadas dedilham. E a harpa canta a indecisão dos desejos de um amor em que nada possa haver de grosseiro, um amor ethereo, um amor diante do qual revoadas de anjos pairam, pasmos, entreabertos os labios em sorrisos candidos, batendo as azas de vagar para não perturbar a harmonia da musica celeste.

Sôam harpas; mas quasi que se não ouvem. A orchestra louca, em que cada um toca á parte o seu instrumento, suffoca-lhes quasi sempre o brando, o leve, o delicado som.

Mais forte, o violino faz vibrar suas cordas. E' que elle canta o grande amor completo, em que ha a paixão integral. Elle exprime a doçura dos longos beijos, cujo rumor se faz ouvir, voluptuoso e quente. Elle exprime os deliciosos enlaçamentos, em que, de dois corpos, se parece fazer uma só chamma estuante de paixão e de goso. Elle exprime o que é todo o bem e todo o mal da vida: o peccado divino, pelo qual nós já renegámos uma vez e renegariamos de novo, se necessario, qualquer paraíso em que elle fosse impossivel. E as cordas do violino vibram, ás vezes, tão fortemente que suplantam o conjuncto de todos os outros sons.

*

* *

Gemem flautas, não raro, no meio da orchestra infernal, a saudade de alguém que partiu; alguém que lá por longe nem pensa talvez nessa saudade, que assim está cantando. E as flautas gemem, docemente, tristemente, num enlevo tamanho, que nem se apercebem do barulho infernal dos outros instrumentos.

*
* *

Em algumas almas femininas vibra, festivo e grave, ao menos uma vez na vida, o rumor solenne e majestoso de um organ que toca uma marcha nupcial. Evoca-se, ouvindo-a, a igreja em festa, os altares illuminados, os santos e santas hieraticamente immoveis nos seus nichos, a multidão anciosa para ver os noivos que entram. A noiva, essa, é um enovelamento branco de gazes e de flores de laranjeira. E ha por baixo disso um rosto feminino, acceso em um sorriso exactico de felicidade, embevecido num sonho de ventura, sonho que quasi nunca se realisa.

*
* *

Tan-tans e trompas, violinos e orgãos. Como é extravagante essa mistura de cousas tão diversas. Mas a orchestra tem mais, muito mais instrumentos!

Tem os clarins, que proclamam os triumphos dos vencedores, num excelso clamor de gloria.

Tem sinos e guizos — mescla extranha do que é funebre e do que é louco. E não raro, quando os clarins vão gritando mais alto a gloria de vencer, a alegria da superioridade em todos os dominios, os louros conquistados na guerra ou nas lettras, — dobres de sino rebentam de subito, sobrepujam tudo. Sinos de morte, desde o lento soar dos grandes bronzes, que são entre os instrumentos o que é o cantochão entre as vozes humanas, até as pequenas sinetas dos cemiterios, que, annunciando quando chega cada enterro, parecem gritar zombeteiramente: “Vermes! Outro! Outro que chega para o vosso festim!”

Mas ainda quando é mais grave, mais demorado e mais triste o badalar sonoro dos bronzes da morte celebrando mortes alhcias, ha sempre num canto qualquer do cerebro um bater de guizos, em pandeiros alegres de loucura despreoccupada. Elles estão a dizer que a morte dos outros pouco importa e que, enquanto a nossa não chega, é preciso ser alegre. Os que choram num dia riem no outro. Os mortos mais pranteados tornam a morrer dias depois no esquecimento. E a orchestra, sempre incoherente, segue misturan-

do sinos e pandeiros, tan-tans e trompas de caça, violinos, harpas, clarins, e tudo, tudo, tudo.

*

* *

Ha só uma vez em que não se ouve sinão um instrumento: é quando a todos sobrepuja o grito rouco das sereias.

A bordo, nos dias em que a bruma é espessa ou o vapor corre perigo de naufragar, as sereias uivam em meio da cerração. E' um pedido de soccorro: "De pressa! De pressa! A agua já vai invadindo os porões e o navio aderna e se afunda!" — A sereia ulula: "Soccorro! Soccorro!"

Nesses instantes, toda a nossa grande e tumultuosa orchestra se cala. O instincto de conservação quasi nunca consente que nada perturbe o appêllo despedaçador da sereia, que vai pela noite a fóra, a supplicar que nos salvem.

Mas vem sempre um dia em que esse appêllo é vão. O navio, os porões cheios de agua, já inclina os mastros que começam a mergulhar A's vezes, nessas occasiões,

vendo que a morte é irremissível, o que vae para sempre fechar os olhos pensa na sua infancia e, ao lado dos uivos desesperados da sereia, ouve-se o leve bater de um chocalho infantil, o primeiro brinquedo que a criança agitou, pequenina, nas pequeninas mãos tremulas. Última incoherencia da orchestra louca.

O navio já está de todo sob o oceano. E como o oceano é grande! Como elle é profundo e escuro! Somem-se agora rapidamente mesmo as pontas dos mastros mais altos... Faz-se no mar durante um momento — só um momento — um torvelinho: num ultimo sôrvo, as ondas engolem a nau perdida, dentro da qual emfim se cala completamente aquella grande e tumultuosa orchestra, que vibrou dentro de nós durante toda a vida.



O PRISMA DA TREVA

A sala immensa, um amphitheatro vastissimo, estava cheia de alumnos. Eram, sobretudo, moços e moças; mas eram tambem homens velhos, que pareciam ter sido attrahidos pela fama do grande professor

Por traz da cadeira deste, no alto, estendia-se uma tela enorme, muito branca, para as projecções. Via-se, por isso, no fundo da sala o aparelho de onde o preparador as faria.

O ruido das mil conversas de toda aquella gente, vibrante de mocidade, alegre, expansiva, enchia o recinto de uma algazarra formidavel.

De subito, porém, viu-se um empregado abrir a pequena porta, á direita da mesa, por onde o professor costumava entrar. E, como por encanto, immediatamente, fez-se um silencio profundo. Um cego não poderia crer que aquelle amphitheatro onde havia mais de

mil pessoas tivesse uma só. Nem um sussurro. Nem um movimento.

Mas quando o professor appareceu, uma ovação tremenda encheu, tempestuosa, todo o recinto colossal. Palmas crepitaram, longas, ardentes, entusiasticas.

No meu sonho, (porque isto tudo era um sonho) eu vi com espanto que o professor, o grande sabio tão delirantemente acclamado, era Mephistopheles.

Vestia, nessa occasião, de preto. Uma roupa de seda, colante, o envolvia desde o gorro até os sapatos tambem de seda, ponteados. Era bem a representação classica de Mephistopheles, passada do rubro ao negro. O olhar rutilava de intelligencia, a bocca de malicia.

Galgou, lépido, a cáthedra do professor, sorriu; cumprimentou, agradecendo, e esperou que o silencio se fizesse.

Começou, então, lentamente expondo o erro dos physicos, que consideravam a Treva a simples negação da Luz.

—A Treva, dizia elle, é uma realidade tão positiva como a Luz: é talvez mesmo muito mais. Como a Luz, ella tambem emite raios,

que se decompõem, quando passam por um prisma apropriado.

E recordando noções antigas, methodico, para vir do conhecido ao desconhecido, ajuntou:

— O que o crystal faz á luz vós todos o sabeis.

Nesse momento, a um gesto, a sala apagou-se e o preparador projectou no painel branco do fundo, sobre a cadeira do professor, um feixe de luz, decomposto por um prisma de crystal. E viam-se, nitidas, brilhantes, as sete côres. Depois, pondo a pequena distancia do apparelho de projecções uma placa de metal com uma estreita fenda, o preparador foi fazendo com que na tela só houvesse de cada vez luz de uma côr: o vermelho, o laranja, o amarello, o verde, o azul, o anil e o violeta.

— Espiritos romanticos — dizia Mephistopheles com um tom sarcastico — têm querido ver uma certa correspondencia entre algumas cores e alguns sentimentos. Mas isso é pura phantasia. O espectro da luz não vale nada.

Vós ides, porém, ver a belleza e a nitidez do espectro da treva.

De novo a sala se tinha tornado clara. A projecção se apagou.

Trouxeram então em um carrinho, como esses em que nos hospitaes se conduzem os doentes para a mesa de operações, alguém que parecia morto. O auditorio offegava de curiosidade.

Mephistopheles approximou-se, descobriu a cabeça do que estava deitado e com o gesto elegante de quem destampasse um escritorio de joalheiro, abriu-lhe o craneo, metteu a mão agil e tirando-lhe o cerebro, exhibiu-o á assistencia.

— Este é o prisma por onde, quando os raios da treva passam, se decompõem.

E entregou-o ao preparador

Que raio de treva o homem extranho fez passar pelo cerebro que elle arrancara, como si este fosse um prisma, eu não saberia dizer. O que vi foi a projecção soberba, o que ouvi foi a voz admiravel de Mephistopheles.

O raio da treva, decomposto, deu em sete faixas, como as da Luz, a projecção do que

o catholicismo chama os sete peccados mortaes.

Mas nesse prisma extranho, na ordem em que as cores vão no prisma de luz — do vermelho ao violeta—as sete faixas começavam pela Preguiça, passavam á Gula e iam depois successivamente á Inveja, á Ira, á Avareza, á Soberba e á Luxuria.

Mephistopheles, professor eximio, foi expondo o que a cada uma se referia.

*
* *

Esta é a Preguiça.

E' a suave aspiração para a quietude, para o repouso, para o não-ser

Por que e para que o Mundo se agita e trabalha, quando o não fazer nada seria tão agradável? Todo o trabalho é dôr e soffrimento. Junto a cada aspiração, espera, certa e cruel, uma decepção. Os que buscam riquezas — ou nunca as hão de ter ou, si as tiverem, hão de paga-las com as mais terriveis desillusões. Os que sonham triumphos ou acabarão na miseria ou, si os alcançarem, saberão a dor das ingratições, a dôr

de sentirem de quantas dores são feitas as suas alegrias.

Todo esforço é soffrimento.

Um deus, dizem, creou o mundo. Antes que o fizesse, infinitissimas infinidades de infinitos tinham passado sem que elle houvesse creado nada. Preguiçoso! Mas num momento de má inspiração, creou o mundo e com elle o Mal, a Dor, os combates da Vida. Deveria voltar, retocar sua obra, tirar della o que nella pozera de mau. Vendo-a, porém, falhada, nem se deu ao trabalho de a rever. Voltou ao seu somno, de que nunca deveria ter sahido. O Universo cahiu-lhe das mãos somnolentas e começou, por conta propria, o seu fadario. O deus que o fez, preguiçoso! nunca mais se occupou com elle.

*

* *

Quasi sem transição, Mephistopheles passou adiante, á analyse de outra faixa do prisma :

Este é o prazer baixo e grosseiro: a Cula.

Fino ou grosseiro, que importa? Tudo o que faz esquecer a miseria da vida, extrahindo della um goso qualquer, é uma virtude a cultivar

Como os alchimistas de outr'ora buscar tirar o ouro das mais varias substancias — o Peccado faz com que mesmo das baixezas da existencia humana, que é uma cousa vil e miseravel, o homem tire o goso. E quanto mais grosseira é a materia prima de que esse alchimista faz brotar o prazer, mais o seu trabalho é digno de admiração.

Os escribas de Deus, que, para velarem o peccado real do primeiro homem, disseram que Adão se havia sacrificado por haver comido um simples fructo, mostraram sem o querer como é mesquinha a obra do tal Deus, cujo paraizo elles mesmos pintavam como valendo menos que esse fructo, por cuja posse o homem havia arriscado esse supposto lugar de delicias.

Esta é a gula, o prazer bestial, o prazer dos suinos ventrudos, o prazer dos frades obesos.

Mas é ella tambem quem põe o copo de vinho nas mãos dos ebrios.

E quando o vinho lhes aquece as veias, lhes sobe em vapores capitosos aos cerebros, elle lhes dá thronos e purpuras, riquezas inexgotaveis.

Os que sabem o que vale o amor acham no fundo do calice espumante as mais bellas mulheres. Os que sonham glorias ouvem o tumulto dos applausos, o formidavel clamor das multidões que acclamam os victoriosos. Elle dá a cada um o que cada um deseja.

Que importa depois, a cellula lugubre do hospicio, o delirio horrivel que leva o ebric para a loucura. Quando a loucura vem -- é que o gozo já veio, já houve um momento em que a embriaguez tomou o homem aos lodaças da Terra e o passeou pelos ceus da phantasia.

Comer, beber Baixos prazeres parecem; mas tudo o que é prazer é divino. Só é baixo, só é vil o que não nos faz vibrar de um gozo qualquer

Na sua apparente humildade, mesmo a gula é melhor que a mais virtuosa das virtudes.



Mephistopheles quasi não se deteve. Indicando agora a terceira faixa do espectro do Mal, elle retomou a sua exposição:

Esta é a Inveja. E' o sentimento satânico, que faz desejar o que os outros possuem.

E' a inspiradora da intriga e da calúnia, arma classica de Don Basilio. Na sombra, os que a sentem soltam a palavra, como uma arma envenenada, e a despedem contra aquelles que têm o que elles quereriam ter. E a calúnia vai, rasteja, entra aqui e alli, sobe aos palacios, desce ás choupanas, suscita coleras, desperta odios, esgueira-se pelos ouvidos dos que se julgam austeros nos pretorios e nos templos; fluctua no ar, leve, em salas de bailes, ao agitar dos leques que mãos formosas fazem oscillar. Era um nada, ao principio. Não passava de uma suspeita, de um vago "pode ser", de uma incerta e duvidosa hypothese, mal ouvida e mal referida: "dizem" "conta-se"

Mas pouco a pouco, a arma damnada do invejoso cresceu, avolumou, tornou-se uma

certeza. Já não se murmura: clama-se, proclama-se, jura-se solennemente: é uma verdade indiscutível.

E quando o invejado — tantas vezes innocente — cæe ferido pelo bote traiçoeiro da infamia, que a Inveja lançou para despoja-lo do que era seu, o invejoso triumpho e exulta na sombra!

Como a inveja é poderosa, quando busca desunir os que se amam!

Vai de um a outro. Insinua ou diz a ella: *“Por que lhe queres bem? Elle é grosseiro, é banal; não sabe apreciar-te, não sabe dar-te o que tu mereces. . . Deixa-o! Outros te cobrirão de joias. Outros te encherão os dias de prazer Deixa-o!”* E baixinho a elle: *“Por que a amas? Ha tantas outras mulheres mais bellas. Ella não vale nada. Ella te explora e te engana. Deixa-a! Vê como ella olha para os teus rivaes. Vê como elles se riem da tua ingenuidade. Deixa-a!”*

E quando de duas creaturas que iam pelo mundo, immersas num sonho de venturas, fez dous desgraçados, o Invejoso triumpho e exulta, sempre na sombra.

Menos lhe importa buscar para si a ventura do que ver os outros perdê-la.

Esta é a Inveja!

* * *

Fez-se uma nova pausa. Uma pausa de grandes e sonoras palmas. Depois, passando adiante, Mephistopheles continuou:

Esta é a Ira. E' a colera tremenda, que se desencadeia de subito, como uma torrente caudalosa, impetuosa, victoriosa — e derruba no seu impeto os diques mais fortes!

E' o desejo formidavel de vencer os inimigos, matando-os, aniquilando-os, vendolhes o sangue jorrar das feridas abertas, a golpes ferozes.

E' a colera, que até um dia ao mais suave dos prégadores de mansidão e cordura armou de um azorrague e o levou a varrer os vendilhões do templo.

Em si mesma, na sua furia terrivel e devastadora, ella é como uma força grandiosa, que merece admiração.

Ella vibra na alma dos campeões do Direito, como o pobre e quimérico Don Quixote.

te, e lhes guia a lança, que se atira contra phantasticos aggressores. Ella vibra no coração torturado do homem que quer vingarse e deixa de ser homem para ser como uma fêra indomavel.

Ella faz o que se sente superior, atirarse contra os que não lhes reconhecem a superioridade.

Ella não se baixa, miseravel, diante dos insultos! Reage selvagem, tempestuosa, num impeto leonino de furor

Esta é a Ira! Esta é a colera!

*

* *

E apoz um momento de pausa, em que os applausos do auditorio soaram alto:

Esta agora é a Avareza: é a virtude dos que conhecem o poder do ouro e que o desfructam integralmente.

E' o unico prazer que nunca sacia. Quem o sabe gozar quanto mais tem, mais quer...

Os que se julgam bons gastam o seu dinheiro nessa cousa aviltante e indigna que é a esmola, quando seria preciso deixar a se-

lecção implacavel eliminar os fracos e incapazes.

Sórdido, privando-se de tudo, o avarento inspira compaixão aos outros. E' que esses outros não sabem que elle é quem goza mais. Goza todas as delicias imaginaveis — na sua fonte.

Os que dispersam o dinheiro em outros prazeres são forçados a escolher. A maior das fortunas não basta para dar tudo. E falta o tempo. E falta a saude.

Mas o que sabe o divino prazer da Avariza, tem no ouro que apalpa e acaricia entre os dedos ávidos, a capacidade de todos os gozos imaginaveis, e é como si a todos, ao mesmo tempo, sem escolher, sem preferir um aos outros, alli tivesse entre as mãos cupidas.

Os ceus, em que se promettem recompensas inexauriveis, ficam muito longe: ninguém os pode evocar com nitidez. São talvez mentirosos. Mas junto do dinheiro que reuniu, o Avarento mirando-o evoca tudo o que esse dinheiro teria capacidade para lhe dar, si elle, o seu dono e senhor, assim quizesse. E' o prazer immenso de saber conter-

se, quando de um acto de sua vontade dependeria todo o poder E' como o que tivesse, preso, humilhado, açaimado como um cão obediente, um deus todo poderoso.

*

* *

Ainda uma vez, Mephistopheles se interrompeu um pouco no meio das manifestações do seu auditorio. Depois, continuando:

Esta é a Soberba. E' o orgulho. E' a Virtude dos fortes. Os que a tem sabem o que valem e não permitem que outros o desconheçam. Vão pela vida afóra, como cercados de uma couraça inexpugnável. Nada os fére, nada os attinge.

Quanto mais baixo e vil se levanta em torno delles o clamor das multidões ignoras, mais elles inflam o peito robusto e passam, desdenhosos, pelo meio dellas, certos do seu valor

Amam ás vezes a lucta.

Mas muitas outras a desprezam, porque sentem que já têm o que as luctas mais terri-
veis lhes poderiam dar

São deuses e são reis, porque a si mesmos se sagraram. Pouco lhes importa que os preguem nos braços de uma cruz ou os lancem aos cubiculos dos manicômios. Ninguém lhes pode tirar a aureola divina ou a corôa real, que forjaram.

As almas fracas, na adversidade, se encolhem, se somem, rastejam, supplices. Os orgulhosos, não! Mesmo cobertos de andrajos, sorriem, desdenhosos, dos que carregam indevidamente purpuras e sceptros, porque caminham no meio de um halos de gloria, que a cegueira do mundo pode não ver, mas que não lhes permite humilharem a majestade de sua missão.

Elles são os que não choram, os que não se lastimam! Pode a dôr lhes dilacerar o peito, pode lhes dar torturas que commoveriam os mais ferozes carrascos. Soffrem; mas sorriem. Nenhuma injuria lhes seria mais cruel que a menor palavra de consolação.

Os que, ás vezes, os servem, julgam-se credores de gratidão — e de ingratição os accusam. Nescios! Aquelle que o orgulho sagrou é que lhes faz uma esmola, condescendendo em receber-lhes os serviços que elles

julgam prestar-lhe. A gratidão é uma virtude de escravos: fica bem aos cães, que vêm lamber a mão de que receberam alguma migalha. O leão, a que alguém lançou uma posta de carne, devora a posta e devora também o audacioso, que o insultou, atirando-lhe uma bagatella. Sacrificada a imprudente victima, o leão pousa, soberbo, as patas sobre os ossos ainda sangrentos, lambe os beiços, sacode a juba e olha calmo, diante de si, desafiando: "*Quem mais se atreve?*" A gratidão é dos humildes e a ingratidão dos soberbos. Por isso mesmo a humildade é miseria de cães e a soberba — virtude de leões.

*

* *

Mephistopheles calou-se um momento, indifferente ao enthusiasmo dos que o victoriavam. Depois, retomou, vibrante, a sua exposição:

Esta agora é a Luxuria. Não é um peccado como os outros: é o peccado supremo. E' aquelle a que ninguem se furta. Todos os demais se poderiam supprimir, sem que a

Humanidade desaparecesse. Elle, não! E' elle que assegura a continuidade das espécies, que põe apoz uma geração outra geração.

As guerras se desencadeiam terríveis: ceifam, matam, destroem. A luxuria planta, fecunda, constroe.

Esta é a Luxuria.

Deram ao homem o paraizo sem ella, e o homem renegou o paraizo, para goza-la. Na sua majestade, quando Deus viu os rebeldes da Terra, teve medo que os Anjos se rebelassem tambem, para sentir o prazer, que elles tinham aprendido: correu, solícito, do alto dos ceus e expulsou os peccadores, sentindo que tinham descoberto alguma cousa de divino.

Esta é a Luxuria.

E' a delicia da Carne, que tenta os eremitas no Deserto. Em vão, elles fogem da Volupia: a Volupia se lhes apresenta diante dos olhos, na evocação phantastica das allucinações.

Ha quem falle no amor platonico, no amor puro, no amor immaculado. Mentira! Esses são os disfarces que o peccado toma. O que ha por baixo delles ou é ignorancia

ou hypocrisia. O Amor, o Grande Amor, o Verdadeiro Amor, é o delirio da Carne que palpita, — dos labios que estuam, rubros, sob os beijos ardentes, — das mãos tremulas, crispadas, que cingem corpos divinos, — dos olhos, que nos deliquios supremos, se cobrem de uma nevoa que os cega para tudo que nesses instantes os rodeia.

E os homens nada sabem negar ao peccado sem par. Cabellos brancos de mãesinhas moribundas, mãos tremulas de paes respeitados e queridos, lagrymas de esposas, lagrymas de filhos, — e honra, e brio, e dignidade — e todos e tudo, — não ha nada que não se sacrifique ao peccado supremo!

Esta é a Luxuria — a Luxuria omnipotente!

*

* *

Apenas o professor sinistro, o docente phantastico do Mal acabara de pronunciar as ultimas palavras, a sala se fez clara. O preprador, num gesto canalha, atirou-lhe rindo o cerebro, que servira de prisma para decompor o raio da Treva. Mephistopheles o poz

de novo na cabeça do que me havia parecido morto.

Era, porém, um engano.

Eu o vi no meu sonho — porque tudo isto era um sonho — despertar e sentar-se. Bruscamente, com horror, notei que todos os do auditorio — todos, um por um, homens e mulheres, moços e velhos, — todos tinham o meu rosto, o meu olhar, os meus gestos, eram eu, eu, eu, reproduzido milhares de vezes, sob mil disfarces. E, por cumulo, vendo que o próprio miseravel, por cujo cerebro passara tanta torpeza era ainda e sempre eu mesmo, accordei do pesadelo, sentado á borda do meu leito, o rosto inundado de um suor de agonia, mas ainda assim contente por ter despertado.

Nos meus ouvidos pareciam soar agora os ultimos echos de uma gargalhada de Mephistopheles.



HYMNO A' PALMEIRA

A Alberto de Oliveira.

A palmeira é a mais bella das arvores. Nossos poetas, os poetas de todos os tempos sempre a cantaram, sempre a exaltaram. Assim que Salomão viu a Sulamita, foi na palmeira que pensou.

De onde lhe vem essa belleza? Ella é a das cousas inuteis — mas cuja inutilidade é consagrada a sonhos nobres e elevados.

A palmeira é o symbolo dos pensadores desinteressados e altivos. As outras arvores, assim que brotam do chão, dão-se pressa em bracejar as suas folhas em torno; são accessiveis a todas as mãos; mendigam a luz, atirando seus galhos em todas as direcções, torcendo seus caules, estendendo seus ramos por entre os ramos das outras arvores.

A palmeira, não! Ella se levanta, firme e direita, o mais alto que lhe é possível, e é só

na extremidade do tronco que abre suas palmas. Acima dellas, ha ainda a lança verde das folhas não abertas, apontando para o céu e parecendo gritar: “Nós subiremos! Nós subiremos mais ainda!”

A prudencia das outras arvores deve murmurar baixinho: “Para que subir? Quanto mais se sobe, mais se fica solitario!”

Mas a solidão não amedronta a palmeira. A unica cousa que lhe faz medo é a baixeza. — E a gente admira o seu esforço desesperado para evitar tudo o que rasteja á flor da terra, tudo o que é pequeno e mesquinho.

A palmeira é a mais bella das arvores.

*

* *

Ella diz o que nós devemos fazer com as tradições: conserva-las, mas não nos immobilisarmos, fitando-as; apoiarmo-nos n'ellas, mas não lhes render um culto excessivo.

As arvores cujos ramos se voltam para o chão, são como essas familias, como esses povos que vivem na adoração do seu passado. Ellas parecem cercar o tronco, de que sa-

hem, de um respeito filial. Ellas o abraçam, o abrigam, o protegem. Quando alguém está debaixo dessas arvores, sente-se em uma athmosphera calma. Mas essas arvores nunca sobem muito.

A palmeira não se demora a revestir de verdura o seu tronco altivo e recto. O tronco é o passado, é a tradição. Elle faz simplesmente o seu dever de sustentar o Presente, de preparar o Futuro. E o Futuro é aquella lança de folhas verdes ainda não abertas, apontando para cima. Porque é para cima que se precisa olhar Mais alto! Sempre mais alto!

Ninguem tema o esquecimento do Passado. Infelizmente não é possível!

Mesmo quando ninguem falla d'elle, elle está na nossa carne, no nosso sangue, nos nossos nervos, em cada uma de nossas células. Não é preciso que ninguem se ocupe com elle. Elle se occupa de mais connosco. Queremos abrir vôo — e elle nos retem á flor da terra. Grandes poetas julgaram fazer cousas novas, cousas ineditas — e, quando mostraram seus trabalhos, viu-se que tudo isso era já sabido, já conhecido. Nós so-

mos um amálgama de restos, de destroços miseráveis do Passado, que quer continuar a viver, a sobreviver, a durar indefinidamente. E' contra elle que precisamos lutar, sempre voltados para o Futuro.

O Passado é o salgueiro de ramos verdes pendendo para o chão, chocando as lembranças de outros tempos, guardando á sua sombra — a sombra das tradições.

O Futuro é a audacia esbelta e atrevida da palmeira, desprendendo-se do enlaçamento das outras arvores, para contemplar o céu face a face.

Ella faz como esses campeões heroicos de outras eras, que deixavam atraz a turba-multa dos combatentes vulgares, para, isolados, diante das suas tropas cheias de medo, desafiar o inimigo. A palmeira se destaca do exercito da vegetação rasteira, deixa em baixo as outras arvores reunidas em grupos e atira-se sósinha.

A palmeira é a mais bella das arvores!

*

* *

O que as outras querem é a sombra e a calma. A palmeira é a arvore dos paizes tropicaes, a arvore do deserto.—O sol não lhe causa temor

E mesmo ahi como ella é nobre! O frio é o symbolo das almas, que não se entregam, que se fecham em si mesmas. O calor, ao contrario, é o que radia, o que se espalha: é o symbolo do altruismo. E parece que a palmeira o comprehende, porque não vegeta em plena belleza sinão nos climas de fogo.

Pensadores amargos têm dito que o Mal é maior que o Bem, o egoismo maior que o amor Mentira! Ha um limite para o Mal; não ha nenhum para o Amor

Sabios, apoz longos calculos, puderam provar que existe, com effeito, um gráu de frio que se chama o zero absoluto. A distancias infinitas de todos os astros, no mais profundo e no mais vasio do céu escuro e vasio, o frio não pode exceder esse gráu previsto e medido.

Mas ninguem ousou ainda imaginar um limite para o calor Figura-se que o do sol deve ser espantoso; mas talvez seja ainda insignificante em comparação do que elle

mesmo foi em outros tempos ou do que é ainda em longinquos sóes. E, si o frio é como o egoísmo e o calor como o amor, sempre é consoladora a lição da Natureza, ensinando-nos que o primeiro tem limites e o segundo é infinito.

Sem duvida, a partir de um certo gráu, em qualquer das direcções, a vida é impossivel. Mas, si a maioria das arvores não sabe crescer sinão na tepidez dos climas temperados e apenas algumas vivem nos lugares demasiado frios ou demasiado quentes, nenhuma se identifica tanto com o calor e a luz como a palmeira. No meio dos areiaes em fogo, surge serenamente o seu tronco. Lá, como em toda parte, conserva a sua linha altiva e nobre.

*

* *

E porque ella é a arvore que parece fugir á baixeza de todos os contactos, — symbolo dos nobres espiritos, cujo ideal não conhece a miseria das transigencias e das accommodações;

— e porque ella é a arvore, que sempre impellida para a altura, não tem ramos que se voltem para o chão — symbolo dos que caminham em linha recta para um futuro que esperam venha a ser melhor do que o presente;

— e porque ella é a arvore que cresce de preferencia nos climas de fogo — symbolo daquelles que não sabem viver sinão na radiação communicativa do amor;

— a palmeira é a mais bella das arvores!.



EM LOUVOR DAS CIDADES

Eu sou o que sempre viveu nas grandes cidades; de cidades em cidades rolou; sou o que ahí gozou e soffreu; sou o que desdenha e desconhece, porque não acredita nellas, as delicias bucolicas; sou, por isso mesmo, o que ama esses acervos collossaes de casas e ruas, essas grandes multidões compactas, em que tumultua a alma das nações. Eu sou o que sempre viveu nas grandes cidades.

*

* *

Casas e casas. Batalhões cerrados, em filas, pelas ruas e pelas praças. Vistas do alto, um oceano de tectos, feio, desigual, entre vermelho e negro; mas apesar de sua fealdade, cheio de uma grande belleza.

Casas e casas. É a gente sabe que ha nellas milhares e milhares de creaturas que

vivem, labutam, se esforçam para vencer na rude lucta pela vida. E quando se olha para esse extranho oceano, tem-se a impressão de ouvir um clamor formidavel, um rugido feito de mil rugidos de colera e odio, feito de sussurros de caricias, de chiar de beijos — os bons beijos licitos e, melhores ainda, os quentes beijos peccaminosos; — feitos de balbucios incertos de crianças, feito de vozes calmas de pensadores e de vozes estúrdias de frivolos mundanos, feito de vozes suaves de mulheres e de vozes asperas de homens. E no emtanto, como um mar que se tivesse de subito petrificado em meio de violenta agitação, o oceano de tectos jaz, entre vermelho e negro, immovel e silencioso. Do outro, do que sacode furiosamente suas vagas, os que jazem debaixo dellas, jazem hirtos e frios, jazem lividos e mortos. Do oceano de tectos do casario immenso, os que jazem debaixo d'elle, estão em plena vida, em plena lucta.

Eu sou o que sempre viveu nas grandes cidades.

*

* *

Como é nellas admiravel a multidão! Nessa multidão, passam os laboriosos anonymos, que ninguem sabe de onde vieram e para onde vão — e passam os grandes homens celebres, que fazem deter os transeuntes para que uns os apontem aos outros, murmurando baixinho quem são elles; — passam, anemicas e timidias, esgueirando-se, medrosas, as mocinhas que vão para o trabalho, quando deviam estar no aconchego dos braços ou maternos ou amantes — e, lado a lado, pompeando, insolentes, passam as que aviltam a belleza e o amor, mettidas em lindas roupas caras e cobertas de joias, com a menor das quaes se matariam fomes, se enxugariam prantos, se calmariam grandes dores. E ha os que vão sonhando nobres sonhos humanitarios e os que, cynicos, procuram apenas aproveitar aquella onda humana, tal como ella é, extrahindo della o maximo de prazer. Passa o laborioso que vae para o seu trabalho e o ocioso rico, que vae para a crápula e a orgia. — Passam todos; passa de tudo. Na alma multipla, na alma innumeravel das cidades, misturam-se todos os povos, todas as raças, todos os antagonismos humanos.



De manhã, ha um formigueiro de crianças que vão para as escolas. E é uma nota alegre nas ruas a daquella gatinha activa, com a roupinha muito em ordem, os aventaes muito limpinhos, mostrando que, nesse instante, acabam de sahir dos carinhos maternos e caminham com os livros e as ardosias debaixo do braço, andando de pressa, a carregar nos seus compendios o que é para elles todo um mundo de sciencia.

Mais tarde, quando as escolas os soltam, todos a um tempo, é como um abrir de viveiros em que chilreassem juntos centenas de passarinhos. E as crianças põem aqui e alli, nas ruas, uma nota de alegria, sôffregas de liberdade, brincando, trêfegas, cuchia-bradas.

Sahir de escolas, que alegria!

Mas quando, á tarde, as fabricas se abrem e golfam de subito nàs ruas, uma onda de operarios e operarias, que tristeza! Vendoo-os, sente-se que ha entre elles, por um lado o grande rebanho soffredor e humilde;

mas, por outro, ha os que levam, accesa nos olhos, a chamma da revolta. São os que fazem o conforto humano, são os que fazem o luxo — e não têm nem luxo, nem conforto.

Dentro das fabricas estão os grandes monstros de aço, as machinas colossaes, cujas rodas giram vertiginosamente, cujas engrenagens parecem dentaduras de feras prestes a devorar quem dellas se approxima e que, não raro, devoram, de facto, os operarios, que se deixam apanhar, que se deixam esmigalhar e estracinhar. Quando os pistões vão e vêm; como o resfolegar de pulmões gigantes que offegam; quando os volantes parecem piões doidos de crianças, voltando no ar, alegremente; quando as polias, ligando motores e machinas, descrevem no espaço trajetorias extranhas — no meio de todo aquelle ruido, ouve-se, ás vezes, um grito, um estalar de ossos, gente que acode, o signal que se dá para que o motor pare.

Que foi? Um pequeno aprendiz que o monstro de aço apanhou e triturou nas suas entrosagens implacaveis; o braço de um operario, que duas rodas agarraram e mastiga-

ram; os cabellos de uma operaria, que uma correia tomou e puxou, escarpellando-lhe o craneo.

Quasi nada. As machinas se detiveram um momento; ouviu-se fóra um tilintar de campainha do carro da Assistencia, que chegava, e dentro em pouco, o offêgo dos pistões, o rodopio maluco dos volantes, a trajectoria phantastica das enormes polias: — tudo recomeçou. A grande fabrica voltou ao seu trabalho. Tranquillizae-vos, mulheres formosas, não vos faltarão sedas finas!

Ao sahirem, os operarios fallarão um pouco na victima. Mas será rapido o esquecimento. Contra o ineluctavel, por que lutar? E, ás tardes, nas ruas das grandes cidades, se verão as fabricas despejar nas calçadas os bandos de trabalhadores extenuados.

Hora dubia. Hora extranha.

*

* *

A' noite, nas noites de inverno das grandes cidades, quando os theatros, acabados os

espectaculos, despejam as suas multidões elegantes, e, no nevoeiro, cruzam, como olhos de monstros estranhos, as lanternas dos automoveis, dentro dos quaes passam, envolvidas em pellicas finas, mulheres formosas, — o centro dessas cidades é um pandemonio phantastico. Mendigos seguem, cosendo-se ás paredes, sem ter onde pousar. O crime se prepara, sinistro, para os assaltos sangrentos. Nos grandes restaurantes nocturnos, orquestras tocam, entretanto, musicas languidas, musicas voluptuosas. E as lampadas electricas da illuminação publica têm em torno dellas halos que, de longe, parecem a nevoa que cobre os olhos dos que morrem.

Nas ruas afastadas do centro só o que ha é o silencio, que, de tempos a tempos, o passo de um soldado, rondando, quebra por instantes.

*

* *

Calmas, no meio dessa agitação de colmeia, as estatuas se levantam nas praças publicas. Os que ellas representam foram grandes guerreiros, grandes estadistas ou gran-

des pensadores. Hoje, em marmore ou bronze, dominam, indifferentes, a multidão que lhes formiga aos pés.

Nos dias de agitação popular, os tribunos incultos sobem a ellas e d'ahi arengam ao povo, concitando-o ás grandes revoltas. De subito, porém, com as patas dos cavallos batendo nas pedras ou no asphalto, chegam os soldados, os mantenedores da ordem, — e é a correria amedrontada do maior numero — e é, as vezes, a resistencia heroica de alguns. E vêm-se então as espadas dos soldados, varrendo as ruas, acutilando os que mal se podem defender. E ouve-se o crepitar dos disparos que parecem o estalido de foguinhos de artificio e, comtudo, echoam de um modo sinistro entre as frontarias altas das casas.

A rua se estende então lugubre e deserta. Ha feridos e mortos nas calçadas, sujando de sangue o asphalto, por onde em outros momentos rolam multidões tão densas. Janelas, no alto, entreabrem-se medrosas, para ver o que se passou. E é o terror em todos os rostos.

Mas, si o sangue das batalhas que se fazem longe das cidades, a tiros de canhão, nos

campos largos, nas trincheiras escavadas na terra, decidem da independencia das nações e ou lhes augmentam ou lhes diminuem os territorios, — as batalhas que se travam assim na angustia das ruas das grandes capitães é que decidem das instituições dos povos é que lhes dão ou lhes tiram a liberdade.

E são tão rapidas quanto decisivas.

A vida retoma logo o seu curso habitual. No dia immediato ás mais cruentas dessas luctas, os theatros reabrem suas portas. E a onda recommença. Por cima dos lugares em que havia hontem pôças de sangue, pisam hoje os saltos altos das mulheres elegantes. Nos jardins, voltam a ver-se, a todas as horas, vultos extranhos de ociosos, que ninguem sabe como, mesmo nos dias de maior trabalho, acham tempo para alli estar, preguiçando, vendo desfilar o espectaculo da vida intensa, diante dos seus olhos em que sempre se suspeita que ou o Vicio ou o Crime espiam, escondidos.

E as grandes estações de estradas de ferro, onde as locomotivas chegam bufando, arquejando; — e os caes, junto ao mar, em que os possantes navios manobram e acos-

tam — e os caminhos por onde vêm e vão carros de toda especie: — tudo isso recommença o seu trabalho de trazer e levar gente para que a cidade esteja sempre cheia, tenha sempre a sua carregaçãõ de sangue novo.

Eu sou o que sempre viveu nas grandes cidades e cada vez as acha mais admiraveis.

*

* *

Mesmo a morte é nellas viva! Sente-se que os mortos precisam deixar de pressa o caminho livre para os que ficam, para os que chegam. E até os cemiterios, naquelle accumulo de figuras de marmore, naquellas lousas pretenciosas, cheias de declarações falsas de amizade e amor, em que se promettem saudades eternas a mortos já meio esquecidos, quando o marmorista lhes assenta as lousas sobre os sepulcros — até os cemiterios, parecem ter uma trepidaçãõ intensa.

*

* *

Cidades, grandes cidades, como ellas são poderosas e magnificas!

Nos mappas, quando a gente as vê — vê apenas uma pequena circumferencia. E' uma bagatella. E' um quasi nada. Mas essa pequena circumferencia é a bocca de uma ventosa formidavel, que haure a seiva da nação inteira para a sublimar, para a distillar, para a espalhar depois pelo mundo.

E' para as grandes cidades que tudo vem; é dellas que tudo irradia. São os altos pharóes da civilisação. Pouco importa saber si na base desses pharóes ha lama, si as vagas ás vezes arrebatam naufragos e os atiram contra os rochedos em que essas torres se elevam. Dellas partem jorros de luz brilhantissima. Quando se evoca o Passado, o que ha de bello no Passado vem das cidades gloriosas, de onde a civilisação se espalhou sobre as paginas da Historia.

*

* *

Cidades, grandes cidades, ellas são monstros que nunca dormem. Monstros fabulosos, de milhões de olhos; quando uns se fe-

cham, outros se abrem. E dentro dellas, sempre, intensos, freneticos, formidaveis, rolam, misturados, o turbilhão do trabalho e o turbilhão do vicio, o turbilhão do crime e o turbilhão das boas ambições; mas sobretudo, no trabalho ou no vicio, no crime ou nas boas ambições, estua e palpita e vibra o soberano senhor que tudo rege: o Amor sob todas as suas formas.

*

* * *

Eu sou o que sempre viveu nas grandes cidades; de cidades em cidades rolou; sou o que nellas gozou e soffreu; sou o que as admira e que as ama.



AQUELLA EM QUE NÃO SE DEVE CRER.

Vi junto de mim um espectro. Era o de um amigo, que morrera havia muito tempo. Nesse dia, varias vezes, sem nenhuma razão apparente, a proposito das cousas mais extravagantes e dispaes, eu o lembrara. Era como si estivesse procurando fallar-me. A noite, quando me estirei na minha espreguiçadeira, eu o vi, perto de mim. Tinha a physionomia de quem soffre horrivelmente. Não gritava; mas toda a contracção dolorosa do seu rosto valia pelo mais agudo dos gritos, por um uivo de dor innominavel.

Não sei si o que ouvi, elle o disse realmente ou eu adivinhei que elle estava pensando. Sei que me perguntou ou pareceu-me que perguntava: “Sabes o que é a Esperança?” Eu lhe disse que sim. E o meu amigo me falou — ou foi como si me tivesse falando:

“Não te fies nella.

“Ella andou a meu lado toda a vida. Quando eu era pequenino, quando ainda nem sabia falar, ella me fazia antever o seio, apoiado de leite, de minha mãe. Era tudo o que eu desejava. Mas muitas vezes esse formoso seio estava longe; batia sob roupas caras, em passeios, talvez em amores distantes. Já a Esperança me mentia.

“Mentia-me depois, quando eu era menino e ella me fazia crer que meus pais, d’ahi a pouco, entrariam com as mãos carregadas de brinquedos. E elles chegavam muitas vezes, mostrando bem que nem sequer tinham pensado em mim.

“Veio a adolescencia, com seus sonhos de amor. E eu, como todos os de minha idade, amei tambem. Amei uma. Amei muitas... E uma, e muitas e todas — me mentiram, me trahiram. Não é que fossem perversas: é que a natureza dellas se fazia de mentira, de illusão, de traição.

“Veio a mocidade e eu tive sonhos maravilhosos de gloria. A Esperança me animava: “Insiste, continua, tu vais vencer! Amanhã teu nome estará em todos os labios.

Os homens te apontarão com inveja. As mulheres se offerecerão, seduzidas, ao triumphador! Insiste! Pouco importa que tu soffras agora um pouco: o premio, que vais receber, é tão alto, que bem merece todos os sacrificios.”

“E eu fiz os sacrificios — e o premio não veio. Mas ella me apontou outros ideaes, ella me embalou com outros sonhos.

*

* *

“Esperança! Esperança! Eu a via por toda a parte, infatigavel e eloquente.

“E’ ella que alimenta os pobres, os enfermos, os infelizes. Quando elles vão percebendo que aquillo que desejam é vão, — a Esperança lhes faz nascer outros desejos.

“Este contava que seria um homem bello e forte, com um torso que Hercules e Apollo lhe invejariam. Elle se via a si mesmo admirado das mulheres, temido dos homens, seduzindo-as e vencendo-os. Um dia, porém, veio a molestia e abateu-o. Era um colosso — passou a ser um invalido. Mas a

Esperança lá estava ao seu lado animando-o: “Amanhã, tu ficarás de novo bom...” Amanhã. Amanhã. E esse famoso amanhã nunca chegava. Veio um momento em que o invalido viu mesmo que ia morrer... Nem por isso a Esperança o deixou. Já agora, porém, lhe dizia outras cousas: “Depois da Morte é que se chega á verdadeira vida!” E falou-lhe de céus maravilhosos, de paraizos cheios de gosos inenarraveis... E os céus maravilhosos são mentira; mentira os paraizos cheios de gosos.

* * *

“Esperança! Esperança!

“Vai-se na sombra, hesitando, não sabendo onde pôr os pés trôpegos e incertos. De subito, sente-se a mão que toma a nossa carinhosamente e nos guia de manso. E’ a Esperança. Sem ella parariamos, desalentados. Mas a Esperança é tenaz e maternal. Arrasta-nos de leve. Força-nos suavemente a caminhar Diz-nos baixinho ao ouvido que vale a pena andar mais um pouco. Garante-nos que o fim das provações está

perto. E seguimos, rasgando os pés em urzes, ferindo-os em pedras.

* *
* *

“Esperança! Esperança!

“Entre maguas as mais terriveis, entre dores as mais cruciantes, ella permite sempre um sonho — o sonho das venturas por que mais anhelamos. E ha muitos que seguem, com os olhos abertos, como si estivessem vendo as realidades da hora presente, mas, de facto, embebidos em scismas intimas, que ninguem pode adivinhar

“Ai delles, no emtanto! Não ha sonho tão longo de que, um dia, não seja preciso accordar. E o accordar é sempre horrivel!

* *
* *

“Esperança! Esperança!

“Vai-se pelo deserto e divisa-se um oasis. Em torno, o areal é um oceano de fogo. Vê-se a vibração das particulas incandescentes. Uma sêde atroz devora as gargantas. A areia branca faisca ao sol.

“A Esperança põe lá longe a visão de um oasis. As caravanas se precipitam. Como vai ser bom dormir á sombra das palmeiras, beber a agua fresca e cantante das fontes! O oasis, que delicia!

“Mas quando os viajantes chegam não ha oasis algum. Foi tudo uma miragem.

* * *

“Esperança! Esperança!

“Uma aza que se levanta pelos ares acima vertiginosamente. Da terra, olhando-a, só se vê um ponto negro em pleno azul. E' a Esperança. Ella se eleva para nos dizer que lá longe, muito longe, cada vez mais longe, ha terras maravilhosas, terras em que a vida é uma delicia.

“Sobe! Vai! Bate vigorosamente as penas num remigio triumphal. A Esperança te ampara o vôo. As terras maravilhosas estão para além.

“Mas não ha vôo de que não se desça, um dia, aqui ou mais distante. E nunca ninguem desceu nessas maravilhosas terras, em que a vida é uma delicia.

* *
* *

“Esperança! Esperança!

“Ha uma ilha distante. O mar em torno, cavado, sacode, iracundo, suas vagas terribes. Não ha embarcação que lhe resista á furia.

“A ilha lá está, entretanto, risonha e acolhedora. Chegar a ella é achar a salvação. A ilha parece sorrir, na verdura de suas arvores, na belleza de suas flôres. Vê-se, de longe, uma casinha branca, idyllicamente branca. Vê-se mesmo um regato que desemboca no mar Como elle deve ser risonho e manso.

“Os navios fazem-se a vela e a vapor para a ilha — a ilha verde da Esperança.

“Que recifes ha pelo caminho — ninguem sabe. O que se sabe é que ninguem aproou ainda lá.

*
* *
* *

“Esperança! Esperança!

“Eu me lembro da data de minha morte. Lembro-me como anciava sôffregamen-

te pela vida. Mais uns dias! Mais uns momentos!

“A Esperança me mentia: “Tu vais ainda voltar ao vigor antigo! Não desanimes!”

“Mas eu vi que tudo era vão. Quiz fallar e não pude. Senti a lingua pesada e trôpega. Era a morte. O sangue parecia 1olar dentro em mim pequenos coagulos gelados. Como a Morte é fria!

“Mas a Esperança não sahia de junto de mim.

“Havia em torno ao meu leito quem chorasse. Ella me segredava: “Como elles se illudem! Depois da morte é que se vivê a verdadeira vida. Morre, tranquillo! Morre, alegre!”

“E eu transpuz o derradeiro passo. Do outro lado, ella me esperava ainda. Tomou-me. Perto havia um palacio esplendido. Suas portas fulgiam, numa apotheose.

— “Vem! Vem, depressa!

“E eu a segui correndo, como um adolescente agil, que vae em busca daquella que ama.

“A Esperança levou-me até á porta do palacio e gritou-me;

— “Vaes vêr que belleza! Entra!

“Nesse momento senti no seu olhar e na sua bocca uma evidente ironia.

“Mas não me foi dado recuar. Ella asentara entre as minhas espaldas sua mão energica — e vigorosamente me empurrara para dentro do palacio, cuja porta se abriu, rápida, só um instante, para me deixar passar

“Ah! que horror! Não sabes meu amigo, como a morte é horrivel!

“E de dentro, eu ouvia a Esperança que, do lado de fóra, como um palhaço cynico que á porta do Circo annuncia as maravilhas que nelle ha, quando tudo é ahí sedição e ridiculo, gritar aos que vinham chegando que entrassem, entrassem depressa, porque alli era a morada do gozo, o solar fantastico das delicias, a summa alegria, o summo prazei

“Mentira!

“Não creias na Esperança, meu amigo! A Morte é o horror dos horrores.”

Fez uma pausa e perguntou-me:

“A Morte, queres saber o que ella é?”

Num esgar de dôr, quando ia abrindo a bocca para fazer-me a suprema revelação, vi

que desaparecia. Uma figura imponente de mulher o tomara brutalmente pela garganta, com um punho herculeo, e o sacudira na treva.

A ultima cousa que lhe ouvi foi um grito de immensa angustia: “Não creias! Não creias nella!” e um “ai”, de uma dôr infinita, pareceu encher de lagrimas todo o espaço...

* * *

Esperança! Esperança! Não creias nella!



O CAMPO E A ALCOVA

Amores simples dos campos, como eu os evoco sem inveja! Tantas vezes tenho lido as descrições dos que vos exaltam e ellas me deixam absolutamente frio.

A moça dos campos, o rapaz dos campos, correndo, alegres, lado a lado, e enfim um dia, deitados na relva fresca, gozando os prazeres supremos do amor, são apenas livres e soltos animaes. Essa mesma camponeza, de faces coloridas pelo sangue sadio e forte, será, vista de perto, uma cousa sem graça e sem delicadeza.

* *
* *

E eu evoco meu amplo quarto em longes terras polidas, quarto de que as paredes eram forradas de seda vermelha, de que o chão era atapetado de tapetes de fios longos, macios, felpudos, setinosos. Lembro o leito acó-

lhedor, com os seus metaes que luziam. Lembro a lareira, onde nos dias de inverno o fogo crepitava, rubro. Lembro as flores caras nos jarrões de fino lavor

E na minha memoria vejo, seduzidas, encantadas, as que ahí entravam.

Era um prazer para ellas despir-se naquelle ambiente tepido. Tudo o que as cercava lhes dizia: "Ama! Goza!" E ellas se despiam preguiçosamente.

Vejo-as tirando peça por peça todo o vestuario: peliças caras, sedas, baptistes finissimas. A's vêzes, de tudo aquillo que sobre o corpo parecia tanta cousa, ficava apenas um montinho de trapinhos perfumados, posto sobre uma cadeira.

E vejo-as, por fim, no gesto gracioso de desabotoar as botinas delicadas, de retirar as finas meias.

Que restava? Restava apenas uma camisa, uma vaga teia de seda transparente. Essa mesmo.

Campos em flôr, os mais bellos, os mais floridos, como seriam asperos e grosseiros junto d'aquillo! Raparigas do sertão, sadias e frescas, como seriam brutaes e mal polidas diante daquelles mimos da civilisação. E as proprias flores sylvestres, como fariam má figura diante das flores das cidades, cuidadas, preparadas, enfeixadas com gosto e arte.

*
* *

Amores simples dos campos, como eu os evoco sem inveja!

*
* *

E porque os tapetes do meu quarto, tão felpudos e tão bem batidos, não tinham, visivelmente, nem um grão de poeira, e eram doces, tepidos, cariciosos, não raro as que saiam do aconchego do leito, nelles se deitavam, se espreguiçavam como felinos languidos, brincando com prazer. Ao lado de algumas, eu ficava nos dias de inverno olhando a lareira, onde as pequenas achas de uma

madeira bem sequinha, crepitavam em labaredas alegres, labaredas ora rubras, ora amarellas, sangue e ouro.

E era uma alegria.

A que eu de veras amei, como eu a lembro, pequenininha e delicada, deitada nessa relva de fios de seda rubra, muito mais macia que as grammas dos campos!

Vejo-a, flôr de luxo, flôr de civilização, de que era um encanto ir de belleza em belleza, de vagar, cobrindo-as de beijos.

Vejo-lhe os pés pequeninos. Pouco importa saber a que poderiam ser comparados: a lyrios, a jasmins, a qualquer outra coisa branca e fina. Não eram pés para ser postos no chão. Eram feitos para o ninho das meias de seda, para os sapatos macios e airosos. Cada unha, que a pedicura tratara longamente, e fizera luzir, parecia uma pequena petala de rosa. E o pésinho, que dava, quando eu o tinha inteiro dentro das minhas mãos, a impressão de quem pega uma rôla ou uma jurity, podia ser mirado ponto por ponto, podia ser beijado da sola aos tornozelos delicadissimos.

Pés neryosos e léstos, das mais ageis camponezas, como vós sois indignos de pisar tapêtes caros.

Lembro de minha amante as pernas te curvas airozas, que a chimica sabia dos depilatorios despira dos mais pequenos pêlos, que os cosmeticos unctuosos e perfumados tinham penetrado de sua maciez e do seu aroma e que se haviam tornado por isso marmores vivos e tepidos de uma granulação divina, que nada maculava.

Camponezas, camponezas, animaes sadios e ageis, qual de vós, mesmo a mais moça e formosa, teria essa belleza cuidada e artistica, que era o resultado de toda uma série de artes e de sciencias!?

*

* *

E, inteirinho, o corpo da que eu amava era, assim, um producto sublime da civilização, posto ao serviço de sua belleza. Toda uma legião de escravos — a pedicura a manicura, a massagista, o perfumista e outros e outros — toda uma legião de escravos tra-

balhara, para lhe conservar, lhe augmentar, lhe pôr em realce cada uma das perfeições.

Um barbaro olharia rapidamente para aquelle corpinho despido deitado sobre um tapete e não seria capaz de lhe dar o valor que elle tinha. A seu lado, beijando-a e aspirando-a, eu pensava em quantos seculos tinham sido precisos para afinar e emmoldurar aquella creaturinha.

* *
* *
* *

Amores simples dos campos, como eu vos evoco sem inveja!

Nos campos, á crua luz dos ceus claros, eu seria um velho ridiculo. Alli, no calor gostoso do meu quarto, eu não tinha idade: era um homem que amava, um apreciador meticoloso da belleza feminina, um sabedor erudito de todas as formas de prazer

A's vêzes, em dias de grandes frios, apagavamos as luzes do quarto e levantavamos as cortinas das janellas. Atravez dos vidros claros, enquanto nos aconchegavamos sob o edredon delicioso, viamos lá fóra cair a neve em pétalas brancas, cair de leve, cair de man-

so, cair silenciosamente, numa visão de encanto fantastico.

E era um prazer sentir que, assim que o quizessemos, teriamos, para nos servir, a luz e o calor, á nossa vontade, tanto quanto o desejassemos.

*

* *

Não raro, quando eu olhava a lareira, uma acha de lenha quasi a acabar-se, despedindo ainda assim uma labareda alta e rubra, parecia gritar-me: "Faze como eu! Pouco tambem me resta de vida. Mas esse pouco, eu o deixo consumir-se alegremente nesta chamma ora dourada ora vermelha! Mata-te, mas mata-te de prazer!

Não te sintas velho, que não o serás. Ama e goza! Dentro em pouco tu e eu tere-mos morrido: eu serei cinza, tu serás podridão. Mas antes disso, até o ultimo momento, procura amar, procura gozar! Tudo mais é mentira!"

E eu sentia que a acha de lenha, quasi a acabar, tinha razão.

Da cidade immensa vinha um conselho analogo, um conselho de gozo. Da creaturinha que eu tinha a meu lado subia a mesma tentação. Mas tudo isso só tinha sabor e graça na moldura daquellas paredes forradas de seda, na moldura daquelle quarto atapetado caramente, junto daquellas flores enfiadas com esmero e arte, junto daquelle corpinho que era elle mesmo um mimo artistico, um requinte de civilisação.



UM PROTESTO

(Ambos aos 73 annos, Erico Coelho, ás portas da Morte, e Guerra Junqueiro, alquebrado pela molestia, converteram-se ao catholicismo.)

Tu pararás um dia!

As cellulas de que te compões e que vibraram a todas as manifestações do Bem, do Bello e da Verdade, — um dia, cerebro meu, aquietarão as suas ansias insoffridas. Virá talvez a velhice, a odiosa e repugnante velhice. Virá talvez a molestia, envenenando o sangue de que te nutres, debilitando-te, amesquinhando-te.

Na plenitude do teu vigor, tu viste a miseria das religiões. Viste os povos selvagens adorando animaes ridiculos ou hediondos. Viste os sacrificios sangrentos que quasi sempre os deuses pediram.

Viste os adoradores do Sol e dos outros astros. Nem mesmo esses, apesar de tão radiosos, dispensaram sacrificios ferozes.

Viste loucos, que ora desciam do throno como o Buddha, ora se elevavam da plebe como Jesus, querendo ser deuses. A mesma insania, que enche os cubiculos dos manicomios e faz os que têm o delirio da perseguição, passar ao delirio das grandezas e cahir enfim, lamentaveis, na paralyisia geral, teria sido a biographia do Christo, si a cruz não o tivesse livrado desse fim obscuro.

E por causa d'elle houve guerras sem fim, mortes sem fim, rios de lagrimas, rios de sangue!

Em vez de se dar á vida o culto alegre e dionysiaco que ella merece, em vez de se proclamar a superioridade immensa do Amor, o unico deus que merece ser amado, — encheram as religiões a terra inteira de sombras, de luto, de tristezas. Graças á obra dellas, obra mentirosa e sinistra, o pavor do Além peza sobre todos.

O homem que bem viveu e bem gozou e mais ainda aquelle que passou o dia em tristezas e cansaços espera pela noite para dor-

mir, para se entregar, calmo, ao somno. Ninguém pede ao somno compensações dos sofrimentos do dia: pede repouso.

Assim devíamos fazer á Morte: ir para ella tranquillamente como um fim natural, como um leito de descanso e não como uma porta mysteriosa por traz da qual pode haver ou gozos sem fim ou soffrimentos terribes.

Não ha nada! Ha o silencio e o socego para o que morre — o trabalho laborioso e alegre para os vermes que se atiram sobre uma preza nova. Ha a disseminação do corpo pela terra. Ha a transformação em humus, onde as plantas vêm buscar uma nova força.

*

* *

Tu sabes que o Mal, a Dôr, o soffrimento enchem o mundo — e si Deus os quiz evitar e não poudes — Deus é impotente; mas si Deus os podia evitar e não quiz, Deus é perverso!

Fabulas vãs as que inventaram as religiões para explicar a existencia da Dôr en-

tre os homens. Fabulas pueris. Ainda mais vãs e ainda mais pueris, porque nenhuma justifica o soffrimento dos animaes. E a pequenina ave que vê a aguia roubar-lhe os filhos do ninho e pia de dor, de uma dor immensa — o eão, de que um carro, passando, esmagou as pernas e se arrasta ganindo, lamentando-se, com um soffrimento quasi humano — e todos os animaes que outros animaes — inclusive o mais feroz, o homem — sacrificam á sua voracidade — tudo lucha, tudo soffre. Por que? Para que? Para regosijo de um monstro, que do ceu vê toda essa dôr e não lhe dá remedio?

O homem rico, eumulado de todos os bens, que trazendo comsigo as melhores vitualhas passasse junto a um faminto sem lhe dar o que elle precisasse para matar a fome, nós o maldiriamos. Ninguem ha no emtanto, mais rico de todos os bens que o deus das religiões. Ninguem que pudesse mais facilmente fazer a felicidade de todos. Ninguem que como elle pudesse dar muito, dar tudo, dar sempre, sem jámais se empobrecer

Esse ser mythologico e cruel seria, si existisse, o mais impiedoso dos avarentos.

*

* *

As guerras. Quando ellas eram entre povos diversos, que pretendiam impor um ao outro a sua religião, já eram monstruosas. Por que o Deus verdadeiro, si algum houvesse, não abria os olhos de todos para que vissem sua gloria, e chegassem assim ao Bem pela sua adoração?

Mas as guerras entre os povos da mesma religião ainda representam uma accusação mais tremenda contra o Deus que uns e outros adoram e que, — embora, Pai, — embora Creador, — invocado simultaneamente por uns e outros, vê seus filhos se matarem, se torturarem, fazerem soffrer e percer mesmo os fracos, mesmo os pobres, mesmo os innocentes.

E enquanto nos campos de batalhas a matança é tremenda — graves e ridiculos, os sacerdotes da mesma religião, seguindo os mesmos ritos, dizem as mesmas palavras de adoração, ao mesmo supposto Deus, que

os deixa soffrer e morrer — Reza-se de um lado desta trincheira, porque se suppõe que Deus foi que permittiu a matança dos inimigos. Reza-se do outro lado, do lado desses inimigos — para pedir ao mesmo Deus que dê a bemaventurança aos que morreram e permitta amanhã que morram os matadores de hontem.

E a inconsciencia dos homens não vê o absurdo dessa comedia tragica!

*

* *

Tu sabes que si o Deus dos Christãos, pelo simples enunciado de sua vontade, podia salvar a humanidade inteira e, não obstante, sacrificou seu filho em uma cruz, sem apezar disso ter conseguido o seu fim, Deus é um assassino — e um assassino inhabil que, a despeito de todo o seu poder, não alcançou o que tinha em vista.

Tu sabes que um Deus que, para obter qualquer cousa, não se limita a um puro acto de desejo é sempre ridiculo — e ha tanto de grotesco em Jupiter, transformando-se em cysne, como no Deus dos Christãos, trans-

formando-se em pomba, a pomba divina do Espirito Santo.

Cerebro meu, tu sabes que não existem nem deuses nem Deus. Tu sabes que a existencia deste é o absurdo maximo, o escarneo supremo da Razão.

Tu sabes que, si um Deus, vivendo desde infinitissimas infinidades de infinitos na inercia, se lembrou um dia de crear o mundo, não se concebe o que ha de mais extranho: si a ociosidade formidavel desse manipanço inutil durante todo aquelle fabuloso periodo de inacção ou si o seu subito accesso creador, — subito e louco; porque não podia ter causa alguma.

Tu viste a mentira de todos os sacerdocios. Tu entraste no Vaticano pomposo onde, enquanto tantos crentes humildes vegetam e morrem na miseria, vive num luxo asiatico o representante de um Deus que pregou a caridade como suprema virtude e estigmatizou a riqueza como um crime irreparavel.

Tu te inclinaste muita vez ansioso sobre as paginas dos livros para estudar as crenças de todos os tempos — e sahiste sempre

com a certeza de que todas ellas eram mentirosas e vãs.

*

* *

Os deuses, tu viste como elles são ridiculos!

Tu te debruçaste sobre os planispherios e evocaste, á luz da Historia, aquelles que morreram. Que é feito de Isis e Osiris? Dominaram a maior civilização do tempo em que floresceram. Depois? Depois passaram lamentavelmente. Hoje, nos hieroglyphos achados em excavações longinquas, quando elles falam do seu eterno poder, nós sorrimos e os mandamos para as salas dos museus. Que é feito de Zeus e de Jupiter, de todo o Olympo dos Gregos e Romanos? Foram deuses de povos que se espraíram triumphantemente pelo mundo inteiro. Depois? Depois, como os outros, tambem passaram, tambem morreram, tambem desapareceram. Que é feito de Odin, de Thor e de Wotan? Que é feito de tantos deuses de tantos povos, que nós consideramos selvagens, mas que já fo-

ram grandes povos do tempo e do meio em que eram os mais fortes do mundo?

O velho Jehovah. Seus crentes, que ainda existem, são um punhadinho errante pelo mundo. A religião, que hoje seguem, é inteiramente diversa do que foi outr'ora. Deus extranho e imprevidente, um dia se arrependeu do que fizera e mandou um filho emendar-lhe a obra.

O filho, um vidente doido da Judéa. Como tem ido tambem mudando a sua doutrina! Como ella se accomoda hoje com todas as transigencias.

O planispherio ahi está: vê os povos diversos! Conta-os! Nem uma religião que tenha obtido a maioria, que tenha obtido ao menos o culto de um terço dos habitantes da Terra! Nenhuma!

Deuses ridiculos, pois que cada um de vós se gaba de ter creado o mundo, para que os habitantes d'elle vos adorem, como deixaes que a grande maioria desses habitantes vos desconheça, vos desdenhe?! Vossa obra fahou.

Outr'ora brandieis o raio sobre os incréus. E'reis os senhores do fogo divino,

Hoje, quando a tempestade sacode a terra, vós vos acocorais, transidos de pavor, nos templos, protegidos pelo pára-raios, que o homem inventou.

E o pára-raios está alli para dizer que Deus não se engane, que não atire o fogo do céu sobre a sua propria casa.

Um homem de quem se receiasse que fosse capaz de atirar fogo sobre a propria casa, te-lo-iam por louco, encerra-lo-iam num manicomio. Um deus, cuja casa precisa ser protegida contra os proprios actos d'elle por um pára-raios, acha quem o adore. Como é infinita a estupidez dos crentes!

E no entanto, o pára-raios, obra humana, tem sempre de ficar acima da mais alta cruz, symbolo divino. A sua lança, voltada para o céu, parece esperar ironicamente que, um dia, de lá tambem caia o proprio Deus, para que a ponta de platina o espete e o faça rodar no espaço, como um catavento grotesco.

Cerebro meu, tu vês, tu sentes quanto os deuses são ridiculos.

*

* *

E, no entanto, um dia, quando a velhice te entorpecer, quando um sangue de molestia, pobre e envenenado, te alimentar, tu podes bem, desgraçado, renegar as conclusões altivas e serenas do teu esforço e voltar a essas crenças futeis e loucas, que hoje desprezas.

Pobre de ti! Mas então tu não serás tu mesmo: serás um detrito, uma vaga coisa nojenta, já em caminho da deliquescencia. A velhice ou a doença terão levado o que havia em ti de nobre e grande e luminoso. Serás o morrão fumarento de uma lampada, que outr'ora teve o seu brilho.

Pobre de ti! Contra o que tu serás talvez amanhã — protesta hoje! Dize que, si isso acontecer, esse renegado que a Morte acovardou não te representa. Dize que os que desejarem fazer de ti um trophéu para as suas crenças pueris ou ridiculas, são agoureiras aves de preza, corvejando em torno de um moribundo.

Cerebro meu de hoje, protesta, firme, contra a miseria que tu podes ser amanhã.



NA FLORESTA

A Voz, uma grande voz mysteriosa e grave, me disse apenas:

— Pensa em tua alma!

E eu me achei de subito em meio de uma floresta.

De um lado e de outro lado — de todos os lados — arvores e mais arvores, — e depois de outras arvores, outras arvores ainda, — ainda e sempre — como si a floresta immensa não devêsse acabar

Atordoadado, no primeiro momento, perguntei a mim mesmo, repetindo as palavras ouvidas: “Pensar em minh’alma, por que?” Mas, aos poucos comprehendí o que me havia dito a grande voz.

*
* * *

Porque a minh’alma é como uma floresta.

Seria um calculo vertiginoso o dos annos e dos mezes — dos mezes e das semanas — das semanas e dos dias — dos dias e das horas; — das horas e dos minutos, — dos minutos e dos segundos que já tenho vivido. Em cada um destes, alguma ideia, alguma imagem, alguma sensação rudimentar, alguma cousa enfim subiu ao meu cerebro e ahi está armazenada. Onde? Onde — não o saberia dizer. Mas todas essas lembranças lá estão, de certo, lá existem, lá vivem uma vida latente e são como uma selva profunda, immensa, luxuriante.

Floresta, sim, e como as do meu paiz, tumultuosa, variada e anarchica. As florestas da Europa, de longes terras frias e calmas, são monotonas. Arvores, sempre as mesmas, se succedem indefinidamente.

Aqui, não. Aqui, num pequeno espaço, ha dez, ha cem, ha mil especies diversas. Troncos formidaveis estão lado a lado de debeis e franzinos caules. Ha de tudo.

E eu me figuro em mim, como grandes arvores robustas, as solidas ideias, que vêm de um longo passado e são verdades certas e experimentadas, ao lado de hypotheses fra-

geis, mal formuladas, a que ainda falta a sanção do tempo, e que são frageis arbustos, cujo futuro ninguem pode prevêr

De uns para outros troncos vai frequentemente a ponte das lianas, que os une. E é legitimo evocar ideias profundamente diferentes, entre as quaes por qualquer motivo se crearam ligações, associações. Evocar umas é evocar as outras.

* * *

Entra-se, ás vêzes, nos grandes bosques umbrosos. Tudo parece calmo. Tem-se a sensação que se experimenta ou nas igrejas immensas, ou sob a cupola das mesquitas enormes. Sensação de templo. Mas esse silencio é mentiroso, porque ahi, como em toda parte, a vida dá combate, vence, é vencida, cresce aqui, succumbe alli, mas nunca descansa. Uma arvore quer luz e empurra as outras, esgueira os seus galhos por entre os galhos das demais, para ir mais alto, para ver mais de perto o sol; uma parasita suga a seiva dos grandes caules e se desabotôa em flores; insectos rôem os troncos, furtam o

nectar aos calices multicôres, vão, vêm, incansáveis. E, no entanto, no meio das mil luctas, que ha de tronco a tronco ou entre insectos e troncos, tudo parece silencioso e calmo. E' um campo de batalha e dir-se-ia uma igreja deserta.

Quantas vezes tambem eu me vou por entre os outros homens, que me vêem a fronte tranquilla, os labios fechados, o olhar pou-sando indifferente aqui e alli— e, no entanto, a lucta das ideias, dos desejos, das resoluções tomadas e a tomar — me agita, no cerebro cansado, a floresta de ideias, de sentimentos, de resoluções?!

* *
* *

Uma floresta, em verdade!

Nas outras, ha, ás vêzes, feras, que vêm por entre as arvores, pisando cautas, com o passo elastico e macio, os olhos accesos, as garras afiadas, promptas a fazer victimas?

Qual é o cerebro tão innocente, que no meio das suas melhores e mais nobres ideias, não tenha feras que vagueiam, projectos de crimes, que se commetterão, ou que se teriam

commettido, si as victimas fossem faceis de dominar, si a impunidade fosse certa?

*
* *

Mas ha tambem os ninhos. Sonhos novos que se estão emplumando para novos vôos. Nas florestas immensas, cruzam a cada instante aves que vão e vêm, na faina de preparar os ninhos; aves que vão cantando, aves que vão pipilando. E' uma agitação alegre.

Já foi assim em mim; mas hoje, velha floresta, minh'alma tem somente um ninho. A voz que delle vem é a de uma criança: eu sonho apenas com os sonhos que ella sonhará, porque os que eram realmente meus perderam-se.

*
* *

Sonhos e ninhos.

Mas si ha uns e outros, ha tambem as preocupações obsidentes.

As grandes arvores erguem majestosas as suas frondes colossaes. Mas na base dos caules, ha o trabalho miudinho e infatigavel

das formigas. Não param. Seguem em filas, levando pequenos pedaços de pequenas cousas. Ha os insectos damninhos que perfuram e desgastam as madeiras mais solidas.

E todos esses laboriosos povos de insectos, fazendo sempre o mesmo pequeno trabalho destruidor e efficaz, são como essas preoccupações que estão dia e noite a trabalhar-nos, a roer-nos, a desgastar-nos. Na floresta immensa das ideias, parecem não ser nada e são entretanto, muita cousa: são o que enfraquece, o que destróe, o que mata.

* * *

As preoccupações. Ouve-se á noite o mesmo grillo que dá do mesmo modo, horas a fio, indefinidamente, o mesmo trilo pequenino e agudo. Ouve-se o mesmo sapo, em um pantano qualquer, no meio do matto, coaxando com a mesma monotonia, sempre a mesma nota baixa e desagradavel.

E é como apoz uma grande desillusão, quando nós quereríamos pensar em outra

cousa, mas uma lembrança má e zombeteira estrilla com a voz aguda do grillo, coxa como a voz rouca do sapo: “Foste vencido... vencido. vencido. ”

A floresta é grande, é majestosa, é formidável: mas o seu ramalhar não impede de ouvir-se a obsessão, que lá está a ferir-nos e a magoar-nos.

* * *

Ha na mattaria, ás vezes, flores esplendidas e, lado a lado, flores humildes. Sonhos nossos — uns são tão bellos, tão soberbos, outros tão modestos! Os primeiros são mais raros e quasi sempre se fanam prematuramente.

* * *

E as grandes florestas têm o seu povo de divindades fantasticas.

Tu sabes bem, ó minh'alma, que isso tambem acontece contigo.

Nymphas e satyros. Passam nymphas nuas, em todo o esplendor de seus corpos moços, esculpturaes e ageis. E' uma visão

de lascivia e encanto. E passam atraz dellas os satyros luxuriosos.

Lembranças dos amores que tivemos. Na floresta da nossa memoria, ellas lá estão. E os nossos desejos — satyros, que já foram lestos e violentos — são hoje ridiculos e tropegos. Atravez das ideias, que parecem mais solennes, como grandes troncos de arvores majestosas, correm, ora buscando-se, ora esquivando-se, os nossos desejos lubricos e as nossas evocações luxuriosas, satyros e nymphas da floresta de nosso cerebro.

* *
* *

Mas ha tambem apparições menos mythologicas.

E eu penso que vi, um dia, num bosque, uma pobre velhinha.

Era tarde. Era quasi noite.

A velha, curvada pela idade, vestia toda de preto. Levava um sacco, que mais ar-

rastava do que carregava. Nelle ia pondo os gravêtos, que encontrava por terra. Catava-os cuidadosamente.

De longe, eu não lhe podia ver sinão o vulto negro, os gestos pausados e lassos. Porque parecia muito cansada: arrastava-se.

— Memoria, minha memoria, por que, na selva de minh'alma, vais assim a reunir raminhos seccos inuteis, lembranças que de nada servem?

E a Memoria me respondeu:

— Com os gravêtos, que vai apanhando, a velha fará á noite, na sua choupana solitaria, um pequeno foguinho, a que se aquecerá. Com as memorias que ajunto, raminhos seccos do teu passado, tambem te aqueço um pouco. Ai de ti quando não houver mais nada para apanhar!

E quando a Memoria acabou de dizer isto, pareceu-me vêr de novo a velhinha, lá longe, num ponto remoto da floresta. De-

via estar prestes a encher de todo o seu sacco de gravêtos, pois que se dobrava, mais vergada que nunca.

Voltou-se; olheia-a; olhou-me. E vi que era a Morte, que me sorria, docemente, tristemente. Galinhos seccos, gravêtos que se podessem queimar para dar um pouco de luz e calor: já não havia mais quasi nada na floresta de minh'alma. A velhinha estava a recolher com difficuldade os ultimos.



AO QUE NÃO QUIZ FICAR.

Tu passaste pela vida rapidamente. Não lhe déste tempo nem de te seduzir nem de te macular

Fizeste bem, meu filho.

A vida é como um vasto, um lodoso pantano. Ha pelo meio d'elle alguns caminhos estreitos em que é possível marchar a secco, sem se enlamear. Mas esses caminhos nunca são longos. Os que andam muito acham sempre um momento em que a estrada, que vai enxuta e branca pelo meio do paul, pára de subito. Para continuar é preciso pôr o pé francamente no lôdo. Os que nós chamamos honrados são os que, forçados a isso, procuram atravez desse lôdo achar o mais depressa possível outro caminho enxuto e branco pelo qual lhes seja licito retomar sua marcha. Nenhum, porém, que, um dia, ou clara ou furtivamente, não tenha pisado a lama.

Até onde foste, — foste limpo e direito, immaculado e altivo. Não precisaste descer ao charco. Morreste em plena pureza, em plena mocidade.

Fizeste bem, meu filho.

* * *

Ha quem sonhe uma vida apoz a morte. Ha quem acredite que os mortos erram em espirito pelo espaço em torno de nós.

Como seria horrivel para elles!

Si todos nos esforçamos em face do mundo, para simular o mais possivel a justiça, a nobreza, a bondade — e ainda assim o mundo é o que é, — figura o que poderia ser o mundo real das almas nuas, em toda a sua hediondez, mundo accessivel aos mortos! Seria peor que o peor dos infernos.

Tu acreditavas que eu era bom, sincero, generoso. Si te fosse dado penetrar os arcanos de minh'alma, arcanos de que nem mesmo eu tenho consciencia, verias que sou uma féra como as outras, tão hedionda como as demais.

Si é ainda a belleza das epidermes que encobre o que ha de repugnante dentro dos corpos — é a hypocrisia das convenções sociaes, é o longo recalcamto das ideias baixas e vis, recalcamto que todos nós fazemos, constante e automaticamente, que encobre o que ha de repugnante em todas as almas.

Em todas! Nenhuma se salva! Nem um só dos mortos, si lhe fosse dado sondar de subito tudo o que ha naquelles que elle amou, poderia continuar a amal-os.

A epiderme de hypocrisia que reveste as almas é a unica possibilidade de fazer que haja quem as ame.

Durmam os mortos tranquilos seu somno de paz, no perfeito aniquilamento: é ainda a maior ventura que se lhes póde desejar

*

* *

Nós estamos sempre cercados de traições, de ingratidões, de embustes. Aquelles e aquellas a que mais enchemos de agrados, mal nos supportam um pouco, fingidamente,

porque, ás vezes, não lhes é possível tomar outra attitude. O que ha no fundo das almas de uns e de outras contra nós é o nôjo, é o desprezo, é a inveja, é o odio; é, pelo menos, o desejo ou de afastar-nos ou de fazer-nos mal.

Pensa, si os mortos vissem isso, vissem a ingratição, vissem a traição imminente contra os que elles amaram e não os podessem prevenir! E como ha sempre uma traição emboscada que se trama na treva contra cada um, — os mortos viveriam em uma perpetua angustia, a sentir os perigos que se approximavam dos que elles prezaram e sem os poder proteger

Durmam os mortos tranquillos seu somno de paz, no seu perfeito aniquilamento.

*
* * *

Tu passaste pela vida, amando tudo o que era bello. Formas e sons, sons e côres, côres e movimentos — tudo te prendia.

Não houve jámais como a tua, outra alma de artista tão integralmente apaixonada

pela Belleza. Mas a Belleza que tu achavas numa paisagem maravilhosa, num corpo feminino, num trecho de musica, num volteio de dansarina — era em ti e só em ti que existia.

Tu sonhavas sonhos de nobreza e bondade. Quanta vez, de noite, eu te surprehendia estudando — e tu me falavas do que se poderia fazer, semeando o bem, restituindo á saude os que a saude abandonou.

Aquella doença horrivel, que mina a seiva dos que della soffrem, que lhes roe os pulmões, que lhes tira o viço das faces e o brilho dos olhos, que lhes sacode os magros peitos em accessos tremendos de tosse — era para ti uma obsessão. Teu grande desejo seria um dia vencê-la; seria pelo menos, poder dar aos que della soffrem um pouco de allivio.

Si tivesses vivido bastante, que teria acontecido? Ou nada conseguirias — e seria uma immensa decepção. Ou si a vencesses, verias em torno de ti a ingratidão e a inveja.

Onde tu estás não ha felizmente nada a curar Tudo é paz. Tudo é calma.

Morreste? — Fizeste bem, meu filho.

* * *

Morreste. Mas quem mais morreu em ti fui eu.

Eu tinha posto em ti todas as minhas esperanças, todos os sonhos que não pude realizar

Eu te via como uma gondola veneziana, em uma noite de festa, por sobre um mar tranquillo, — gondola illuminada, da qual partia uma musica divina.

E, de subito, a embarcação alegre e airosa sossobrou e desapareceu. Ha ainda outras, como ella, que cruzam os mares. Ha corsarios furtivos que navegam nas sombras, fazendo uma obra maldita de devastação e crime. Ha os pobresinhos, que vão sobre uma misera jangada, no escuro, sem a mais tenue luz da mais tenue esperança, mas que ainda assim luctam para não naufragar. E passam naus alterosas, cortando o mar atrevidamente.

Nada, porém, me interessa mais: a minha gondola florida, a minha gondola iluminada e em festa, a minha gondola em cujo bordo se ouvia uma musica divina — uma onda se levantou e, quebrando-se de encontro a ella, a fez sossobrar

Foram-se no seu naufragio todos os sonhos que eu não pude realisar e queria vêr realisados por meu filho.



Meu filho, meu amigo, eu não era apenas teu pai: era o teu confidente, aquelle a quem tu abrias todo o teu coração.

Um dia, conseguiste enfim um ligeiro e purissimo beijo daquella que amavas. Que prazer! Que alegria! Tanta alegria e tanto prazer — que precisavas poder confiar a alguem o teu immenso segredo, tão pueril e tão formidavel.

Perto de ti, estava tua mãe, estavam teus irmãos, estavam teus amigos. Ninguem te pareceu digno dessa confidencia ingenua e sagrada. Não a escreveste sinão a teu velho pai, lá longe, num paiz em guerra.

E eu penso na tua carta, atravessando mares agitados, mares perigosos, mares sulcados por submarinos insidiosos e terríveis. No navio, que a levava, não se cogitava si não dos perigos da guerra. Todos viviam na expectativa angustiada de vêr, de um momento para outro, cessar de todo o arquejo formidavel dos pistons do vapor. O menor brilho suspeito á flôr das aguas parecia o de um submarino inimigo. A' noite, apagavam-se todas as luzes e o navio seguia na treva, arquejando sempre, sempre offegante.

Quanto sangue! Quanta desolação ia pelo mundo!

E no fundo do seu sacco, atirada ao porão, a carta triumphante era como um pedaço de radium, phosphoreando na sombra, saturado da luz do teu segredo: "Meu pai! meu amigo! meu confidente! Pude enfim depôr, de leve, a medo, um casto e furtivo beijo na mulher que eu amo!"

E a noticia alviçareira atravessou mares e terras, agitados pela mais horrivel das guerras e veio ter ás minhas mãos. E minhas mãos nunca receberam nada que me trouxesse tão doce emoção como essa carta ingenua,

essa confiança pueril, que valia mais para mim do que todos os respeitos prosternados dos filhos que temem os paes.

Si eu procurava te dar ás vezes meus sonhos de homem, tu me davas em compensação teus sonhos de moço.

Morreste? — Quem mais morreu em ti fui eu.

*
* *

Hoje, de nós dois, és tu o mais feliz.

Tantos sóes que ha pelo céu immenso.
Nenhum delles seria capaz de te aquecer

Mas tambem — tanta agitação vã que ha no mundo e nenhuma seria hoje capaz de te perturbar. Chegaste á região da serenidade eterna.

Chegaste a ella em plena mocidade, em plena candura, com a alma limpa e direita, altivo e nobre.

Fizeste bem, meu filho.



O PANTANO

Foi aqui um jardim formosissimo cheio de flôres extranhas e raras; foi um deslumbramento de corollas multicôres, a viçarem por toda parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes.

E as rosas diziam a côr das auroras, a côr da face das donzellas, quando labios de amantes as beijam, a côr rubra da vida dos guerreiros, escapando-se pelas feridas: sangue indifferente do céu, sangue do pudor palpitante e timido, sangue feroz de colera e odio. E os lyrios brancos e as brancas magnolias diziam a côr dos sonhos castos, a pureza das almas impollutas, a alvura alabastrina do seio das virgens mortas — das que passaram pela vida, sem que a vida lhes houvesse dito o mysterioso segredo da paixão e do goso.

Foi aqui um jardim formosissimo.

E as campanulas azues — e azues também os myosotis pequeninos — diziam a côr serena dos céus de primavera, a côr dos lagos calmos, onde os cysnes arrufam as plumas de neve, a côr que devem ter os primeiros devaneios dos adolescentes languidos, já scismando de incertas e mal definidas volupias.

E as flôres da Saudade, as saudades roxas e negras, as violetas balsamicas e tristes, diziam também a amargura dos *adeuses*, o outomno dos corações, a viuvez melancolica das almas.

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras.

E para exprimir o segredo das almas delicadas e frageis, que o menor desengano descolora e murcha, havia a nitidez lactescente das camelias. Para lembrar as almas complicadas e extranhas, torturadas pela inquisição da analyse intima, cheias de sentimentos bizarros e extravagantes, havia a legião de orchídeas preciosas, maculadas de todas as côres, semelhando pelles de tigres e de serpentes, affectando formas insolitas, recortadas, caprichosas. E figurando as almas

prostitutas, que attrahem as outras para envenenar-as e polluil-as, em segredos de não sabidas luxurias, havia, effluindo no ar, o aroma perfido e venenoso de tuberosas esplendidas.

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres.

E por sobre todas ellas, dois renques de palmeiras faziam tremer no ar as grandes palmas verdes, onde o vento sussurrava, com um murmurio religioso e vago, com um tom de queixa e de prece. Os estipes verdes apontavam para o azul. Vinha d'aquella voz perdida no espaço, d'aquelle monotono rumorejar de folhas lá tão no alto, um sentimento mystico e suave, que elevava os olhos e os corações, arrancando-os da attenção da terra para attrahil-os ao céu.

E, assim, houve aqui tudo o que faz viver: houve os sonhos mais castos e os sonhos mais luxuriosos e impudicos, os anhelos altivos de gloria e de amor, os sonhos crepusculares e mansos da saudade, a elevação suprema das almas para Deus, para o Céu, para os in-

tangíveis mysterios com que as religiões acalentam as nossas máguas.

Foi aqui um jardim formosissimo, cheio de flôres extranhas e raras, foi um deslumbramento de corollas multicôres, a viçarem por toda a parte, luxuriantes de seiva, vibrantes de perfumes.

Hoje é um pantano de aguas estagnadas e verdes. As flôres, não houve quem cuidasse d'ellas. Foram-se as rosas; foram-se os lyrios e as magnolias côr de neve; foram-se as campanulas e os myosotis azues — e as saudades tambem — e tambem as violetas. Morreu a brancura immaculada das camelias finas, a flora exotica das orchídeas, a efflorescencia capitosa e envenenadora das tuberosas magnificas. Tudo morreu!

A agua das chuvas diluiu os canteiros, empoçou, fez-se lago, fez-se pantano.

Havia perfumes. Ha agora miasmas...

D'antes os passaros vinham cantar nos ramos verdes dos arbustos; os beija-flôres, de cálice em cálice, andavam a provocar a garridice namoradeira das corollas viçosas. Ho-

je, no paul verde e sombrio, por toda orchestra, coaxam os sapos á noite.

Das palmeiras de outr'ora só resta uma. As outras, roídas no sopé pela vasa impura, apodreceram e cahiram. Da que ficou as palmas todas já se desprenderam e, seccas, boiam meio enterradas no lôdo, sobre o marnel. Apenas o estipe verde aponta ainda para o azul, para o eterno azul indifferente. — Mas esse mesmo ha de cahir!

*

* *

O pantano será então como as almas, que já tiveram fé e crenças e illusões, mas hoje distillam os miasmas do Desengano, molestando os corações que se approximam d'ellas; será como as almas onde só as saudades e os remorsos coaxam lugubrememente e que até a crença em Deus — estipe verde de palmeira a erguer-se para os céus — até essa já perderam.



A JOGADÔRA BÊBEDA

A João Ribeiro.

Era uma planície sem fim. Uma névoa ligeira enchia todo o espaço. Seria impossível dizer si se estava ao raiar do dia ou ao cair da noite. Uma tristeza immensa pairava sobre tudo.

De repente, gingando, aos bordos, evidentemente bêbeda, appareceu uma mulher enorme. Estava nua. Tinha, entretanto, calçado grandes botas de montar como usam os soldados. Mais nada lhe cobria o corpo.

Era uma mulheraça nojenta. Extremamente alta, extremamente robusta, tinha os braços musculosos como os de um homem. Musculosos e pelludos. Os pulsos eram grosseiros, as mãos immensas. Loura — mas de um louro canalha, como si os cabellos fossem pintados. Esses cabellos caíam aliás sobre os seus hombros em farripas soltas. Estavam esgrouviados.

Os olhos sanguineos, injectados, mostravam ser de uma ébria. Tinha a bocca de labios grossos, com uma expressão de crapula; era bestial e triste, espessa e vermelha, de cantos caídos.

As botas altas deviam ter feito muito caminho: estavam cheias de pó, de lama e, o que é peor, de sangue.

Tinha-se a impressão de que ella devia ser uma vivandeira boçal, que andara por acampamentos de soldados, entregando-se a uns e a outros, e em luctas, embriagada, perdêra todas as roupas.

Os seios grandes e molles, pendiam, flácidos sobre o ventre. O ventre grande e molle, pendia, flácido, sobre as côxas.

Era repugnante!

De subito, eu vi que ella dava um pontapé em uma bola, ou pelo menos qualquer cousa que se parecia com isso. Parecia, mas não era. Notei com horror que se tratava de uma cabeça cortada.

E lembrei-me que o desporto, agora considerado alegre e instructivo, do foot-ball, nascêra na Inglaterra entre soldados que jogavam, apoz as batalhas, com as cabeças

cortadas dos mortos. Por isso mesmo, a regra se estabeleceu que só com os pés se batessem nessas extranhas bolas.

A jogadora bêbeda ia, como os soldados ingleses, jogando a seu modo com cabeças cortadas. E eu tive então, bruscamente, mas com uma intuição exacta, a certeza de que essa mulher era a Historia.

Vivandeira, ella andara sempre de exercitos para exercitos, entregando-se aos que venciam, exaltando-os, proclamando-lhes os altos meritos. Nunca houve alma mais baixa, mais torpe que a dessa mulher hedionda, cujos ensinamentos corrompem as gerações que chegam com o exemplo das que passaram.

Era bem a Historia.

E olhando para as cabeças com que ella jogava, eu as fui reconhecendo.

Cada vez que ella lhes assentava um ponta-pé violento, dizia sempre a meia voz alguma cousa e ria alvarmente. A cabeça descrevia no ar a sua trajectoria e rolava por terra com um rumor surdo.

*

* *

Vi a primeira. Era a de um Assyrio. Tinha a grande barba negra que outr'ora de-via cahir sobre o peito majestosamente.

A apparencia era a de um homem forte, amoroso e bom.

Um dia, quando á frente do seu exerci-to sitiava os judeus, viu chegar, trazida pe-los seus soldados uma mulher fugida de Be-thulia. Ella lhe diz que a cidade cercada vai render-se, porque os que ahi habitam viola-ram as regras divinas e Deus os quer punir. Humilde, pede ao general assyrio, que a proteja.

Os soldados que a trouxeram dispunham-se a matal-a. Clemente e bom, o chefe impe-de qualquer desacato á pobre mulher. Aco-lhe-a. Protege-a. Os soldados o sentem fra-co; mas elle é, sobretudo, misericordioso. E passam-se dias: dois, tres, quatro.

Sempre sobre ella paira a protecção do chefe. No quarto dia, um eunuco vai bus-cal-a:

— Judith, o generalissimo te convida a assistires ao seu banquete, esta noite.

E Judith foi. E quando o vinho tinha toldado a razão do seu protector, do general

que se oppuzera a que a matassem, do general que não deixara que ninguém a maltratsse, a judia esperou que os demais partissem, e, mais traidora do que nunca, cortou-lhe a cabeça, metteu-a num sacco e levou-a para a praça sitiada.

Na manhã seguinte, a cabeça de Holo-phernes estava suspensa no alto dos muros de Bethulia. Os Assyrios foram batidos, Judith glorificada!

A Historia, a jogadora ébria, tinha dado um violento ponta-pé na pobre cabeça de Holo-phernes. E entre os dentes, murmurava com a sua voz de ébria:

— Estupido! Quem te mandou ser bom, ser acolhedor, ser caridoso? Si tu tivesses feito perecer essa prisioneira de que te compadeceste, não terias morrido, atraído por ella. Estupido!

E passando adiante, preparou-se para jogar longe outra cabeça.

* * *

Essa era tambem barbuda. Barbuda, hirsuta, inculta. Andára sempre ao sol, des-

coberta; tinha por isso os cabellos queimados por elle.

Sua bocca com uma expressão amarga, parecia prestes a fallar, a soltar uma imprecação. Sentia-se que essa cabeça fôra de alguém dotado de uma eloquencia selvagem. Dir-se-ia que os olhos embora vidrados pela morte, guardavam ainda uma chamma interior

Implacavel, durante a vida, rugira contra os amores de Herodes, o Tetrarcha, e da mulher de seu irmão, irmão que elle desterrara. Uma noite, ao fim de uma festa, Salomé, a filha da amante incestuosa, viéra dançar diante de Herodes.

Era fina e graciosa. Era além disso formosissima. Que se pode negar a uma mulher assim?

Veio. Dansou. Seu corpo delicado desenhava no ar arabescos de tentação. Offerecia-se e recusava-se. Aparecia envolvida em veus, mas eram veus transparentes que mais se afiguravam descobri-la que cobri-la: não passavam de uma leve nuvem de gaze diaphana.

Os lábios frescos e rosados estavam semi-abertos, como num deliquio de amor Como seria bom beijal-os! Os seios pequeninos e duros, saltavam como dois passarinhos, que quizessem voar Do ventre também duro e pequeno, via-se ao centro o umbigo, como uma mancha rosada. E as pernas eram esbeltas, de artelhos finíssimos. Nesses artelhos, duas pulseiras saltavam com os movimentos graciosos da dansarina. . . . Outras saltavam também nos seus pulsos... Um collar, de onde pendia um camafeu que brincava entre os seus peitinhos de donzella, fazia resaltar-lhe a brancura da pelle. Braceletes com a forma de serpentes lhe enfeitavam os braços. As cabeças dos reptis de ouro, cujos olhos eram pequeninos rubis, estavam promptas a defendel-a...

E os meneios da dança, ora tinham a graça de um vôo; ora eram como o ir e vir balançado de uma flôr no seu hastil. A's vezes, pousando apenas no chão com a pontinha de um dos pés, a dansarina parecia, rodando, rodando sempre, disposta a perder-se no espaço, como uma nuvem, um ligeiro

rôlo de incenso: a isso se assemelhava o enrodilhamento dos véus que a envolviam.

A sala offegava de prazer, de tentação.

E quando Herodes, perdida a razão, desvairado pela seductora, lhe offereceu como premio o que ella quizesse, fosse o que fosse, Herodias pensou nos aggravos sangrentos que João Baptista lhe fizera e aconselhou á filha que pedisse a cabeça do propheta.

Era essa cabeça que alli estava.

A jogadora bêbeda atirou-a longe, com um impulso violento e resmungou:

— Imbecil! Que é o que tu tinhas de vêr com os amores de Herodes? Bem feito.

A unica cousa bôa que ha na vida é o amor, licito ou illicito. Não ha amores criminosos. O unico crime é não amar

E, dizendo isso, a sua bocca asquerosa, desejando sorrir, fazia apenas um rictus hediondo. Murmurou ainda uma vez, com a lingua pastosa de ébria: “Imbecil!” — e passou adiante.

* *

*

Adiante havia uma cabeça horrivelmente suja. Dir-se-ia coberta de uma lama vermelha, que lhe empastava o cabello e a barba, que lhe sujava todo o rosto.

Custei a reconhecê-la; mas por fim vi que era a de Cyro.

Grande rei fôra elle! Tão grande, que se chamava o Rei dos Reis. E o conquistador da Média e da Bactriana e da Parthia e da Margiana e da Lydia e da Sogdiana merecia esse titulo. Fôra elle que vencera Balthazar, quando um dia, desviado o Euphrates do seu leito, entrara por ahi na cidade, cuja queda a mão divina predissera, escrevendo as palavras fatidicas: “Mane, Thecel, Phares.”

Grande rei, clemente e bom. Dos que elle conquistava respeitava serenamente as crenças; dava-lhes templos, em que podessem adorar os seus deuses.

Grande rei! Mas um dia os azares da guerra lhe foram fataes e uma rainha vingativa poude vencê-lo. Feroz, fêl-o decapitar e metteu-lhe a cabeça em um ôdre cheio de sangue, para que, dizia ella calumniosamente,

se saciasse depois da morte do que em vida fôra tão ávido.

Era por isso que a sua cabeça, sahida daquelle sinistro banho, tinha os cabellos e a barba pegajosos de sangue velho, a que se havia grudado a terra.

A jogadora bêbeda não lhe mostrava por isso mais respeito. Deu-lhe um pontapé brutal:

— Tantos deuses poupaste, nenhum te valeu, nenhum impediu essa sinistra Tomyris de te dar aquelle extranho tumulo, em um ôdre de sangue! Rei dos Reis (e a jogadora ria bestialmente), mas nem por isso foste menos victima de uma mulher

A cabeça, ao impulso do pé, projectou-se longe.

*

* *

E eu vi que a Historia se approximava de outra. Devia ser a de um homem polido e fino. A face estava correctamente escañoada. Mesmo rolando alli pelo chão, sentia-se que era alguem limpo e cuidado. Tinha

uma frente espaçosa, um olhar que embora sem o brilho da vida parecia traduzir intelligencia. Devia aquella bocca ter sido eloquente — não da eloquencia selvagem de um propheta como João Baptista, mas da eloquencia instruida de um homem culto.

Por ella, tinham, de facto, passado as mais bellas phrases da lingua do Lacio. Ella soube commover e soube impellir aos grandes lances heroicos. Soube tambem melhor do que ninguem a arte da lisonja. Poude tudo o que pode a Palavra.

Era a bocca de Cicero. Era a cabeça de Cicero.

Um dia, em uma lucta politica, elle foi apanhado e decapitado. Quando levaram sua cabeça á presença de Antonio, o general estava á meza, jantando alegremente. Riu-se! Riu-se, com estrondo, grosseiramente, e disse, com a razão toldada pelos vapores do vinho, uma chalaça.

Mais feroz, Fulvia, sua mulher, levantou-se, abriu á força os labios do morto, puxou-lhe a lingua e, tirando dos cabellos um longo estylete, o cravou nessa lingua, já então para sempre muda. E foi a ultima vez

que a bocca eloquente de Cicero se entrea-
briu!

A Historia viu a cabeça morta, reconheceu-a e, tratando-a como tratara as outras, lembrou-se com esgarneo que tambem essa fôra victima de uma mulher. Judith cortara, ella mesma, a cabeça de Holophernes, Salomé fizera cortar a de João Baptista, Tomyris mandara pôr a de Cyro no ôdre cheio de sangue; Fulvia contentou-se em furar e traçar a lingua morta de Cicero.

A Historia, lembrando isso, acabou entre dentes:

— Como as mulheres são ferozes!

E adiantando-se para outra cabeça cortada, ajuntou, sarcastica:

— Mais uma para proval-o!

*

* *

Essa, entretanto, era uma cabeça de mulher. Estava, porém, grotesca, porque lhe haviam cortado muito rente o cabello grisalho. Parecia feita de louça e ainda não

toucada com as perucas que se põem nas bonecas.

Si alguém lhe mirava as faces, sentia que havia no seu rosto uma grande nobreza e uma grande amargura: devia ter sido muito bella e ter soffrido muito!

Era a cabeça de Maria Stuart.

Fôra, de facto, uma mulher formosa. Sobre ella, porém, se abateu, feroz, o odio de Elisabeth. Victima de sua bôa-fé, Maria Stuart, veio, um dia, entregar-se a Elisabeth para que esta a protegesse.

Elisabeth o prometeu. Mas um odio feminino não perdôa! E atraindo a que acreditara na sua palavra, a rainha implacavel a fez degolar

Quando o carrasco, cumprindo o que lhe mandava a lei, quiz apanhar a cabeça cortada para mostral-a ao povo, não notou que ella estava com uma cabelleira postiça. O executor sinistro, tomou o seu horrivel trophéu pelos cabellos e teve a surpresa de vêr a cabeça desprender-se e cahir por terra, emquanto elle ficava apenas sustentando uma cabelleira. Precisou baixar-se de novo, apanhar no chão a cabeça, pondo-lhe as

mãos sobre as orelhas, e, apertando-as, mostrou aos circumstantes estupefactos aquella figura ridicula, figura de velha com os cabellos aparados á escovinha, como os dos forçados.

Pobre rainha, que fôra tão formosa e que tanto soffrêra!

A jogadora bebedea fez com o despojo que della restava o que fizera aos demais. E foi por alli além, já quasi sem poder susterse, mas sempre maltratando, ora uma, ora outra cabeça cortada.

Vagamente eu me lembro que havia a de Asdrubal, aquelle general carthaginez, que, vencido quando ia soccorrer o irmão, foi degolado. E os Romanos, tomando-lhe a cabeça, atiraram-n'a, dentro de um cesto, no acampamento de Annibal.

Juntinho, como um anachronismo, estava a cabeça airosa de Maria Antonieta.

A de Carlos I, da Inglaterra jazia mais longe. E eu pensei em Cromwell, que, buscando certificar-se de que o seu inimigo estava bem morto, bem e devidamente degolado, foi até o seu féretro e levantou-lhe a cabeça nas mãos.

Mas no meio das mais conhecidas, havia milhares de outras, anonymas.

Como eu procurava vêr si as identificava, a jogadora bêbeda, a Historia, disse-me chasqueando que eram as dos criminosos vulgares que a guilhotina decepára. E acrescentou, com uma ironia amarga:

— Tudo, no fim, é bem igual: os mortos nos thronos, á frente de exercitos formidaveis e os que vieram das prisões vulgares; tão ladrões e tão assassinos uns como os outros. E os peiores dos que morreram assim, apesar de tudo, eram ainda melhores do que outros que ficaram na vida, gozando, triumphando, respeitados, adorados.

E seguiu, cambaleando, aos bordos.



HYMNO A' DANSA

A Delgado de Carvalho.

Arte de sonho e de realidade, arte da vida como a vida é, de ti nasceram todas as outras — mas a todas as outras tu continuas a superar

De ti nasceu a musica e o canto, quando foi preciso dar um acompanhamento ao rythmo dos teus meneios.

De ti nasceu a poesia, porque a poesia veio do canto, quando as palavras se destacaram da musica. E ha ainda hoje na cadencia da rima, que sôa mais forte, um bater de pé feminino, que, dansando, escande a medida.

De ti nasceu a arte da scena, quando a complicação dos gestos se tornou tão maior, que foi preciso explical-a com palavras.

Arte de sonho e de realidade, arte da vida como a vida é, tu és a arte suprema.

*

* *

As outras lidam com cousas inertes, precisam de inspirações estranhas. Tu estás toda em ti mesma. Tu te fazes de movimentos vivos de corpos vivos. Arte integral, pões em contribuição todo o corpo, invertendo ás vezes as relações das suas diversas partes, porque enquanto a cabeça descreve no ar curvas sem sentido, loucamente, são os pés que parecem reflectir, sensatos, pousando sábiamente onde devem pousar

Tens tudo. Tens o vôo dos anjos, quando parece que a dansarina vai desprender-se do solo, leve e etherea. Num salto, dir-se-ia que ella é como uma ave e busca abrir vôo para o infinito.

Os que a contemplam ficam entre o desejo de vê-la conseguir esse intento louco e o medo de que, si ella o conseguisse, perdela-iam para sempre.

Suas mãos se levantam além da cabeça divina, batem e palpitam no ar. Toda ella é como uma chamma, que se erguesse para o céu e assim se consumisse.

Mas tens tambem os bamboleios lascivos das bacchantes, com as ancas, que se movem lubricas; com o ventre, que se empina, impudico; com os seios que palpitam e tremem.

Arte do sabio e do doido, tens os passos cadenciados dos ritos religiosos e solennes, mas tens tambem os trejeitos freneticos da insania.

Quando Deus te anima, David danza diante da arca. Quando Satanaz te inspira, toda a Luxuria se desencadeia na evocação das mais agudas sensualidades.

Dansarina sublime, sacerdotiza da mais alta das artes, ora os teus passos são graves e hieraticos, ora são contorsões cynicas, uma furia de impudor. Ha pouco tu te guardavas, fechada em uma castidade abrupta e intangivel, como si te reservasses só para um Deus longinquo. Agora te expões, te offereces, te entregas, Messalina, abjecta, como si pedisses que todos te abraçassem, todos te possuíssem.

Arte do sonho e da realidade, arte da vida, arte suprema.

Longe, tão longe quanto nós conseguimos mergulhar no Passado, a dança foi a forma primeira de adoração a quem a Humanidade queria render culto.

E porque era preciso dar espaço dentro dos corpos delles, para que Jehovah d'ahi proferisse suas terriveis prophecias, os videntes de Israel dansavam, dansavam, dansavam freneticamente, até que, exhaustos, extenuados, cahiam em extasis, a alma lhes fugia — e Deus, penetrando-lhes os corpos, falava de dentro delles aos seus povos.

Assim faziam os prophetas a que alludiu Samuel. Assim fez Saul, quando, de subito, o espirito do Senhor invadindo-o, transformou-o inteiramente.

E como os prophetas de Israel, do mesmo modo agiam os de Baal. Em honra de Istar, a Venus dos Assyrios, dansavam com igual impeto, á conquista do furor prophetico, os seus sacerdotes. Da mesma maneira, em honra de Dionysos, dansavam as Thyíades.

Na Africa sombria e mysteriosa, como outr'ora em todo o mundo, dansam os que da guerra voltam, victoriosos.

Dansam os povos agricultores pedindo que as colheitas sejam abundantes — e, com dansas, mais tarde, celebram a abundancia, que lhes veio emfim.

Dansavam os que iam casar, para afugentar os espiritos máus, cuja acção temiam — e Salomão, por isso, queria que a Sulamita dansasse a dansa ritual dos noivados.

Povos innumerados, pelo mundo afora, dansavam em torno do que tinha morrido, cantando uma lenta melopéa. Ainda hoje o fazem Arabes e Egypcios, como outr'ora o faziam Gregos e Romanos, como sempre o fizeram povos incultos de todas as raças, de todos os continentes.

*

* *

Dansa, arte tão velha e veneravel, — arte tão moça e tão de todos os tempos, deixa-se graças a ti, de ser o que realmente se é — para se realisar o que se poderia, o que se desejaria ser

Em certas ocasiões, quando a musica vai e vem num embalo de onda, dir-se-ia que a dansarina é como uma flôr cahida no mar e que as vagas levantam e que as vagas abai-xam, docemente, rythmicamente.

Chega, porém, o momento em que ella se assemelha a um corropio, a um turbilhão, a um vórtice.

Pensa-se, vendo-a, nas praticas singula-res dos derviches, que rodam assim, sobre si mesmos, incessantemente, até cahirem por terra, exhaustos.

Pensa-se nas folhas mortas que o vento arrasta, mas que sentindo que vão desappare-cer, dansam, despedindo-se da terra, revo-luteando, rodopiando.

Porque os mortos tambem dansam, ás meias-noites solitarias e cabalisticas, quando despertam dos tumulos — e até que a voz dos gallos a faça dissipar-se, a ronda maca-bra gira desenfreada, tendo por musica o bater dos ossos, extranho tam-tam do extra-nho baile, que Satanaz conduz alegremente..

Arte de sonho e de realidade, arte da vi-da e até da morte, arte suprema.



O corpo elastico da dansarina, braços e pernas principalmente, multiplica-se no encanto dos gestos, ora lentos, ora rapidos.

Arte divina, arte que crêa, que faz nascer a nossos olhos, formas novas e vivas.

Arte mysteriosa, porque os passos da que dança é como si estivessem traçando na dureza prosaica da terra hieroglyphos indecifráveis de sonho.

E como, ás vezes, os braços das dansarinas se fazem sinuosos! Ondulam como si fossem inteiramente flexiveis. São serpentes, perigosas serpentes, que se enlaçam e que matam, pelo desejo de não sabidos gosos, a honra, o brio, a dignidade dos homens imprudentes e apaixonados em torno dos quaes se enlaçam.

As outras artes evocam os seus ideaes em paginas frias, cujo contexto é preciso imaginar. Algumas fixam, mortas, as suas creações na pedra, no bronze ou no marmore. Só a dança faz o milagre da multiplicação in-

stantanea dos sêres vivos, tornando-os sêres alados, sêres de realidade e de ficção.

Arte divina, arte suprema!

*

* *

O que ha de mais odioso na vida é o peso que nos prende á terra, é a gravidade que como uma grilheta implacavel nos chumba ao solo. A danza é a unica arte que nos dá a impressão de que podemos vencer a inimiga implacavel. E quando a dansarina anda ou gira nas pontinhas dos pés, quando ella roda e salta, a grilheta se quebra: os corpos tomam azas, como as dos sylphos: pairam no espaço, sem pesar

*

* *

Mesmo nos salões onde se reune a fina flôr das sociedaes cultas, a danza é a arte da tentação. Os gestos parecem de extrema banalidade, os pares rodam em meneios convencionaes, mas os namorados, no cochicho das palestras que ninguem ouve, segredam

declarações. Amores adulteros affrontam, parecendo rodar innocentemente, todas as conveniencias sociaes. O marido de uma e a mulher do outro vêem a mulher do primeiro e o marido da segunda enlaçados, rodando. Vêem e não protestam, porque lhes parece licito, normal, permittido. E fazem-se declarações, e ajustam-se encontros, enquanto os corpos esboçam, estylisados, movimentos que serão depois, fóra d'alli, no segredo das alcovas, os movimentos decisivos do amor mais peccaminoso. Sobre tudo isso cae o embalo dos sons da musica que impede de ver as cousas como ellas realmente são, que anesthesia todos os pudores e todos os ciumes, que destroe todas as convenções sociaes.

*

* *

Arte divina, arte suprema.

A Natureza inteira vibra numa trepidação, minima ou formidavel, mas incessante.

O mar immenso, o mar sem termo dança tambem, dança continuamente, na agitação incessante de suas vagas.

Dansa, quando está calmo, junto ás praias de claras areias, indo e vindo, com as vagas, em lentos passos graciosos de minuetto. E as espumas brancas são como rendas alvissimas do farfalhar das saias das ondas, que chegam, roçam o chão numa mesura e recuam airosamente.

Dansa, quando está em colera, a danza tripudiante dos selvagens que vão partir para a guerra. E as ondas se elevam, e as ondas saltam, e as ondas gesticulam iradas contra o ceu, como a mostrar-lhe que não perderam a esperança de vencel-o.

*

* *

Vê um raio de sol quando elle passa atravez de uma frincha, varando a escuridão de uma sala escura. Nelle brincam, nelle palpitam, nelle vão e vêm particulas leves, que dansam no ar, sem que nós habitualmente as distingamos.

Mas o raio de sol, que nos permite distinguil-as, tambem elle é o producto da aureola que cerca o astro immenso e que, na ebulição formidavel em que ferve e referve,

é uma dança frenética de moléculas tornadas luminosas pela sua agitação.

E em torno do sol dançam os planetas a sua valsa espiralada e sinuosa, seguindo-o, seguidos de seus satellites, e vendo que elle segue tambem para um mysterioso destino, que ninguem ainda decifrou.

E, olhando o céu escuro, todos sabemos que por elle erram em cardumes sóes que já foram brilhantes, mas cuja luz se extinguiu, estrellas apagadas, que nem por se terem apagado deixam de rodar pelos ceus, na dança macabra das suas orbitas sinistras.

E si ha esse movimento pelos ceus, elle tambem existe no intimo dos corpos, mesmo dos que parecem mortos. Porque cada atomo é um microcosmo, em que particulas mínimas fazem todo um systema com seu sol e seus planetas. E tudo é vivo! E tudo vibra e dança!.

Um ser mysterioso e formidavel, cuja aguda visão tudo pudesse perscrutar, — vendo o sol com todo o seu sequito dansando em torno do que é talvez outro sol desconhecido, — vendo os grandes planetas dansando em torno do sol, — vendo os satellites

dansando em torno dos planetas, — vendo os sêres vivos na continua agitação em que passam, — vendo a dança dos átomos nas moléculas e as partículas dos átomos em torno de um núcleo central, — perguntaria assombrado o que faz essa dança louca de tudo e de todos, como si o Universo fosse um bêbado, agitado por um *delirium tremens* incessante.

Tudo vibra! Tudo dança!

*
* *

Arte divina! Arte suprema! Arte que fazendo palpitar os cérebros dos pensadores, e a carnação das mulheres formosas, faz também palpitar os próprios átomos dos corpos que nós julgamos inertes: tu és, tu serás sempre a arte suprema.



DUAS NOTAS

— *O Pantano* — já foi publicado em volume anterior, ha muito tempo esgotado. Aqui está, porém, no seu lugar proprio.

— *N'A Jogadora Bebeda*, ha uma referencia a certa lenda sobre Maria Stuart. Tive occasião de lê-la em um artigo do Conde Antonio de Saporta, publicado na "Revue des Deux Mondes" Não mais a encontrei em parte alguma. João Ribeiro que, por meu pedido, fez indagações a respeito, tambem não a achou.

Quando Henri Robert, o notavel advogado francez, publicou o seu livro sobre os grandes processos da Historia e entre elles incluiu o de Maria Stuart, sem, entretanto, alludir ao episodio a que se referia o Conde de Saporta, escrevi-lhe e elle me respondeu que tambem não encontrara vestigio algum do extranho facto.

Como, porém, elle é pittoresco e o que menos se encontra na Historia é a verdade, dei-lhe curso mais uma vez.

INDICE

	Pag.
Saudação á bandeira	5
O ratinho Tic-tac	9
O bom tempo de amar	17
Oração á agua	29
A orchestra	39
O prisma da Treva	49
Hymno á Palmeira	69
Em louvor das cidades	77
Aquella em que não se deve crêr.....	89
O campo e a alcova	99
Um protesto	107
Na floresta	119
Ao que não quiz ficar	129
O pantano	139
A jogadôra bêbeda	145
Hymno á dança	161
Duas notas	173



N.º 6425

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).